70 Anos de Vida

44 Anos de Serviço Público

APONTAMENTO AUTOBIOGRÁFICO

AO TERMINAR AS FUNÇÕES DE DIRECTOR-GERAL DA SAÚDE

FRANCISCO GEORGE

OUTUBRO, 2017

CAPÍTULO I

A VIDA
MEMÓRIAS & TESTEMUNHOS

Família & Bairro

Em 1865, Emma e Charles, vindos de Inglaterra, dão início à "dinastia" dos George em Portugal.

Charles George era mestre de caldeireiros no Real Arsenal da Marinha, em Lisboa. Tinha assinado um contrato com o Governo de Portugal que cumpriu, apesar do desafio do seu compatriota H. Parry para o romper e, a seguir, criarem, em conjunto, uma empresa privada de construção naval. Charles prefere manter o serviço público, enquanto que Parry sai do Arsenal para fundar o "seu" novo estaleiro na margem esquerda do Tejo.[1] Ouvi esta história familiar vezes sem conta quando passava, junto à sede, na 24 de Julho com meu Pai. Admito que terá marcado o meu pensamento sobre a importância do serviço público.

Emma & Charles George

[1] As docas em Cacilhas da Empresa H. Parry &Son viriam a ser referência na construção e reparação naval. As oficinas de caldeiras e máquinas a vapor "para terra e mar ", estabelecidas no Ginjal, tinham sede na 24 de Julho em Lisboa (número 36).

Ainda antes da viragem do Século, o filho mais novo de Charles George, Albert, casa com Joaquina. Albert trabalhava na CARRIS que, então, era uma companhia Inglesa. Assegurava o diálogo entre a administração e trabalhadores com inquestionável mestria. Joaquina dedicou-se à educação dos 6 filhos.

Carlos era o quinto filho de Albert e de Joaquina Almeida.

Joaquina & Albert George em Campo de Ourique (1920)

Do meu lado materno, Isabel era a filha mais velha de Elisa da Conceição e de Gil Moura. Gil estava ligado à Indústria Panificadora e ao Comércio de Café. A 3 de outubro de 1910 apresentou-se a Machado dos Santos para combater na Rotunda e logo depois, de espingarda ao ombro, integrou uma brigada de voluntários civis que guardou a Casa da Moeda. Já Elisa não escondia alguma admiração por Amélia de Bragança.

Elisa & Gil Moura, avós maternos, Campo de Ourique

Minha Mãe vivia no primeiro quarteirão da Rua 4 de Infantaria. Meu Pai na Coelho da Rocha, precisamente quando encontra de frente o começo da 4 de Infantaria. A típica disposição das ruas de Campo de Ourique terá facilitado a troca de olhares e os encontros de Isabel e Carlos George.

Isabel e Carlos namoram desde cedo. Namoro longo, ao estilo da época. Casaram em cerimónia civil e festejaram no requintado Hotel Central de Sintra.

Isabel & Carlos George (1930)

Logo depois voltam ao Bairro de origem. Vivem Campo de Ourique e em Campo de Ourique. Como todos, Isabel e Carlos reconhecem que os aí residentes desenvolvem um sentimento de cidadania particular e, mais do que isso, uma maneira de estar e de compreender a cidade de forma diferente. Um orgulho difícil de explicar, mas que une os seus habitantes.

Isabel e Carlos viriam a ter cinco filhos. Manuel, a seguir José. Em 1947, o obstetra Coelho de Campos que acompanhava a terceira gravidez de minha Mãe, ao ouvir dois focos logo suspeitou que seriam dois. Uma radiografia confirmou a suspeição. Mãe e Pai prepararam a dupla receção. Nada foi esquecido. Todos os pormenores foram planeados. A decisão para o parto recaiu na Maternidade Alemã que na altura funcionava em Carnide.

Em Outubro de 1947, quando nasci, saí da antiga Maternidade e fui levado para o número 28 da Rua 4 de Infantaria, melhor diria, fomos levados, uma vez que tenho um gémeo que nascera cinco minutos antes. Por esta razão, os serviços de registo civil atribuíram a meu Irmão o bilhete de identidade número 159609 e o número seguinte, 159610 a mim.

Gémeos George ao colo da Mãe em Campo de Ourique (1947)

Os gémeos nascem de parto natural, saudáveis, mas com baixo peso. Os cuidados especializados em neonatologia ficaram a cargo do pediatra Fernando Sabido.

O nascimento de gémeos numa família, sobretudo quando são idênticos, gera múltiplos sentimentos, desde manifestações de alegria, a preocupação e à simples curiosidade. Ora, a verdade é que este fenómeno tem como explicação científica a divisão do embrião que acontece por mero acaso sem se compreender a razão da sua origem. [2]

A minha infância, adolescência e juventude estão, inevitavelmente, associadas a meu gémeo e a Campo de Ourique. São cenários inesquecíveis que vivi no terceiro quartel do fantástico Século XX.

A casa dos meus Pais era no 1º andar por cima da Farmácia Castro Fonseca.

[2] Como se sabe, logo depois da fecundação, o ovo tem 2 células, uma do espermatozoide e outra do óvulo. Nos primeiros cinco dias depois da sua formação divide-se: 2, 4, 16, 32, 64, 128... em sucessivas fases designadas por mórula (que tem 16 ou 32 células) e blastocisto (já com duas centenas de células ou mais, pelo quinto ou sexto dia depois da formação do ovo). O blastocisto é a fase do embrião imediatamente prévia à implantação do ovo no útero. Nestas etapas, a divisão, quer do ovo inicial, quer da mórula ou do blastocisto dão origem a gémeos idênticos que têm ADN e impressões digitais indistinguíveis.

Jardim da Parada. Ao fundo: Farmácia Castro Fonseca (1947)

Joaquim de Castro Fonseca (1884-1964) era habilitado pela Escola Superior de Farmácia de Lisboa a "exercitar a Arte de Farmácia". Era um firme defensor da República. Em 1913, fundou a sua Farmácia no número 28 da Rua 4 de Infantaria.

Ora, as minhas memórias, as minhas recordações mais recuadas, mas ainda muito nítidas, colocam-me umas vezes atrás do balcão da Farmácia e outras a brincar no passeio amplo na banda do Jardim da Parada colada à 4 de Infantaria. Provavelmente teria 4 anos de idade. Julgo que eu costumava fugir para a parte traseira do amplo espaço da Farmácia quando minha Mãe esperava para ser atendida à frente do balcão ou, simplesmente, quando a caminho da rua descia as escadas com meus Pais; então, de fugida, lá conseguia eu escapar para a porta do lado a fim de ver Castro Fonseca trabalhar. À entrada estava um cão perdigueiro, grande, branco com manchas castanhas, aliás, muito pachorrento, pelo que só muito raramente ladrava.

Depois de passar pelo "Fiel", ficava a contemplar o Farmacêutico a preparar remédios na bancada. Era um homem alto, com barba branca e que vestia invariavelmente uma bata de cor acastanhada muito clara, semiaberta a mostrar o colete apertado que exibia o relógio metido na bolsa. Parecia um sábio. Na época, eram muitos os medicamentos que precisavam de prévia preparação antes de entregues aos clientes. Eram meticulosamente fabricados segundo as receitas dos médicos, viria eu a compreender mais tarde. Impressionava-me ver a sequência dos gestos para manobrar a balança de precisão. Também nunca esqueci o alinhamento dos grandes frascos de vidro semitransparentes, castanho-avermelhados, que continham pós ou líquidos. Uns com rolhas de cortiça e outros com tampas de vidro maciço afuniladas e com um "chapéu" redondo no topo. Almofarizes de todos os tamanhos povoavam, também, a bancada principal. Pequenas caixas redondas de cartolina robusta, empilhadas segundo diversos tamanhos, eram depois utilizadas para embalar pastas, pomadas e cremes. Tudo aquilo parecia magia. Castro Fonseca tinha no Agostinho Palhinhas (1927-2014) um ajudante de primeira água. Figura muito popular em Campo de

Ourique, o Senhor Palhinhas, como era sempre chamado, controlava com mestria os pedidos manuscritos pelos médicos que logo depois eram preparados nas bancadas traseiras. Conhecia a letra de todos eles. Descodificava, sem problemas, os seus rabiscos. Provavelmente conhecia o hábito das prescrições em função do médico ou das doenças dos seus clientes.

Quando, em 1951, meus Pais mudaram de casa para uma muito mais ampla no 3º andar do número 105 da Rua Coelho da Rocha, as visitas habituais ao Palhinhas eram sistemáticas, se bem que menos frequentes, naturalmente.

A decisão da mudança de residência terá tido relação direta com o aumento da família, visto que se avizinhava o nascimento da quinta criança de Isabel e Carlos. Já próximo do Natal daquele ano nasce, por fim, a desejada menina. A última da Família.

O prédio da Coelho da Rocha era simultaneamente grande e pequeno. Com muitas divisões assoalhadas por cada andar, só tinha mais um inquilino no 2º andar, uma vez que o 1º e r/c eram ocupados pela família proprietária do bloco que dobrava a esquina com a Azedo Gneco. A proximidade gerou um ambiente de convívio entre os moradores do 105.

O Jardim da Parada, logo em frente da Farmácia, adequado às primeiras saídas com triciclos, trotinetas ou carrinhos, tornou-se cada vez mais "pequeno". Foi, a seguir, trocado pelo Jardim da Estrela, ideal para as horas dedicadas ao ar livre e às correrias de *cowboys*. As grandes folhas secas amareladas das seringueiras, atadas umas às outras com paus de fósforos apanhados do chão, faziam coroas para imitar os índios nos jogos do toca e foge. As brincadeiras juntavam os filhos dos principais amigos de meus Pais: José Pinto Nogueira e Eduardo Silva Carvalho. Foi ali que conheci Jorge Avelino Braga de Macedo, também ele residente na Coelho da Rocha, com quem estabeleci laços de amizade que perduram.

A morte de minha Avó Joaquina, em 1952, marca este período. Era viúva do meu Avô inglês Albert que morrera em 1940. Adquiri, espontânea e naturalmente, como modelo o exemplo da vida de Albert e Joaquina, pela influência que exerceu em meu Pai e que, depois, me foi transmitida. Tenho perfeita consciência que assim aconteceu. Todos os detalhes do dia-a-dia eram motivo de lições para o resto da vida ao citar exemplos que elevavam a honra, a transparência, o carácter vertical, a austeridade e a humildade, associados a valores marcados pelo laicismo, agnosticismo e ateísmo.

Ensino Primário

Chegou depois o tempo para o ensino pré-escolar que frequentei na *Queen Elizabeth`s School* de Miss Denise Lester (1909-1982) à Rua da Quintinha, em São Bento. Lembro-me de uma sala grande com piano e das primeiras lições a aprender a dizer as cores em inglês.

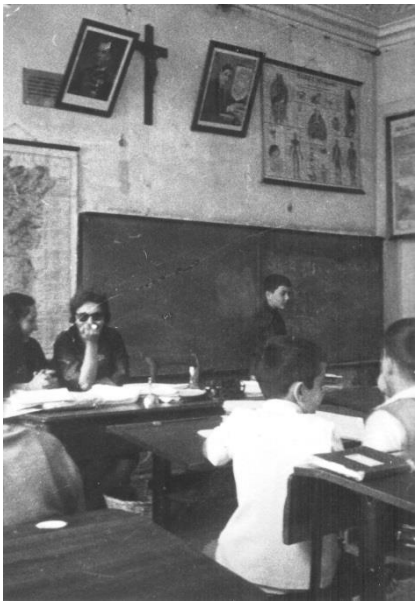
Depois, a partir de 1952, devido à mudança do Colégio Inglês para Alvalade, a opção foi "O Lar da Criança" conduzido pela pedagoga Berta de Ávila de Melo (1920-2011), próximo da Estrela e, portanto, de Campo de Ourique. Aqui fiz o ensino primário completo. Alice e Estefânia ensinavam as letras e aritmética e Francine Benoit (1894-1990) música e canto coral. Com ela aprendi a cantar a "Portuguesa" e a perceber o sentido do diapasão que sempre erguia.

Tal como os meus irmãos e primos, lá estavam os amigos de Casa. Destacavam-se, entre nós todos, já na altura, os alunos Marcelo Rebelo de Sousa e Eduardo Barroso. Na cantina da Escola nunca mais esqueci a empregada, de origem africana, Maninha, a preparar as célebres gemadas de ovo cru batido com açúcar. Os recreios ao ar livre eram animados pelos jogos de bola. A seguir ao almoço todos os alunos descansavam em camas de lona de armar. Entre as pernas, de cadeira em cadeira, o "Jack", o cão da Bertinha, farejava, mas nunca mordia.

Lar da Criança (Marcelo Rebelo de Sousa está na 3ª fila, é o segundo do lado direito, sendo o primeiro Eduardo Barroso; FG está na 12ª fila junto ao corrimão, à direita)

Também impossível esquecer foi o Vulcão dos Açores noticiado no início das emissões da RTP. Lembro-me bem da epidemia de Gripe Asiática que fez suspender a atividade escolar em Outubro de 1957. Todos nós ficámos, alegremente em casa, à espera de melhores dias para voltarmos à Escola.

Em 13 de julho de 1958, na Escola Oficial da Lapa, fiz exame de 4ª classe.



Exame de 4ª classe na Lapa

Sala austera, fria, inesquecível, com crucifixo na parede e duas grandes fotografias emolduradas, uma de Craveiro Lopes e a outra de António Oliveira Salazar, símbolos que não eram pendurados no "Lar da Criança".

A seguir foi o Liceu Pedro Nunes (no famoso anexo, por nós batizado como TEXAS). Sistematicamente no livro de ponto lá estava o requerimento em papel azul selado, devidamente autorizado, para eu poder ser dispensado das aulas de Religião e Moral. Meu Pai, ateu e agnóstico assumido, não autorizava a frequência daquelas aulas a seus filhos. Por isso, o tal requerimento endereçado ao Ministro da Educação Nacional.

Em 1958, no Inverno, Lisboa ficou coberta de neve. Foi uma festa. Todos na rua envolvidos a esculpir bonecos de neve. Cenários inesquecíveis que não mais se repetiram.

Nevão em Lisboa

Até à adolescência, a minha atenção estava centrada no 105 da Coelho da Rocha e, muito em particular, nos quarteirões contíguos e ruas mais vizinhas. A vista a partir do nosso 3º andar era sempre a mesma. A Ocidente, a quinta das Terras do Sabido e a Oriente, a rua alongava-se até ao seu início junto à Silva Carvalho, bem perto da casa de Fernando Pessoa.

Retratos de Campo de Ourique

Da janela do meu quarto avistava, em frente, a Taberna com a inevitável carvoaria anexa (incluindo célebre corvo) e na esquina oposta, a Tabacaria com serviço de "apanha malhas" logo à entrada. Era frequente ver mulheres a entregarem encomendas para conserto das meias de vidro. A trabalhadora, solitária, sentada junto à porta, esforçava-se para compor as meias. Não seria uma tarefa nem fácil nem agradável. Sentada num banco, semidobrada sobre uma pequena mesa que suportava um tubo concebido para verificar imperfeições das meias. Com uma agulha manual ou com o apoio de uma maquineta elétrica parecia que não parava de trabalhar.

Em baixo, do lado dos números ímpares, as três lojas seguidas: o Matias da ourivesaria, o eletricista Dias e o pequeno *atelier* do alfaiate Nita. Logo depois vinha o famoso Mercado de Campo de Ourique.

Do lado da Azedo Gneco, as Terras do Sabido representavam o que restava da ruralidade das antigas zonas periurbanas bem próximas do coração de Lisboa. O "Tio" Albano, com o seu cão-pastor "Leão", conduzia um rebanho de ovinos pelos pastos da

quinta (hoje ocupada pelos prédios altos recuados até à Sampaio Bruno). Aí vi nascer um cordeiro. Impressionou-me vê-lo a correr logo depois.

As ruas de Campo de Ourique eram mais agitadas durante a manhã, sobretudo porque os vendedores ambulantes povoavam os passeios. Muitas vezes, subitamente, começavam as gritarias e algazarras que assinalavam a proximidade da polícia que perseguia sem contemplações os vendedores que não possuíam licenças de venda. Vendiam flores, fruta, hortaliças e até pintassilgos. Dizia-se que tiravam a freguesia ao Mercado Municipal. Era a época das licenças obrigatórias, desde a bicicleta ao simples isqueiro de bolso. A fiscalização exercida por denunciantes à paisana representava uma forma de repressão sempre presente.

Gémeos George

Os cães sem licença camarária eram apanhados com grandes redes e logo depois metidos em carrinhas de cor verde-azeitona escura. Ouviam-se, em regra, gritos de protesto e ofensas aos funcionários da Câmara por transeuntes que assistiam revoltados.

O som característico da flauta dos amoladores que empurravam um bizarro carrinho de mão assinalava a oportunidade para afiar facas ou arranjar guarda-chuvas. Nestes anos 50, eram já poucos os clientes que desciam até à rua à procura do amolador.

Os cegos, sentados em bancos, tocavam acordeão nos passeios. Uma caixa preta fornecida pela Associação era pendurada ao peito para receber esmolas dos transeuntes habituais sem qualquer interrupção da melodia.

Logo pela manhã passavam a correr os ardinas que para além de venderem jornais lançavam para as varandas os matutinos tipicamente dobrados para o efeito. Era muito raro falharem o alvo.

A Rua Coelho da Rocha tinha, naqueles anos, poucos carros estacionados de um e do outro lado. Não seriam mais de 5 ou 6. Era a época da necessidade de ajudar a bateria para o carro pegar, em regra pela manhã. A "*mise en marche*" à manivela era possível porque os para-choques da frente tinham um orifício para a milagrosa ferramenta poder ser introduzida e fazer funcionar o motor. Era também o tempo dos furos dos pneus. Por isso, os automóveis vinham de fábrica equipados com "macacos" e pneus suplentes.

Os irmãos de minha Mãe estavam sempre presentes. Todos em Campo de Ourique, em casa de uns e outros. Foi o tempo de convívio intenso entre primos, especialmente Manuela, Helena e Ana Maria, Catarina, Eduardo, Marta e Cláudia. Todos do lado Moura.

Formação Cívica

Em Maio de 1958 começaram a surgir pequenas tarjetas da campanha de Humberto Delgado. A maioria eram coladas às vidraças das montras das lojas ou nas portas das casas, nas caixas do correio, etc. Tinham dimensões pequenas (equivalentes a um cartão de visita na vertical), em papel amarelado, fino, que fazia sobressair uma fotografia a preto e branco de Delgado com a sua farda de General. Não era difícil deduzir que tinham sido coladas durante a noite em operações relâmpago dos membros da Oposição.

A agitação, o ambiente conspirativo e a propaganda, próprias da Campanha de 1958, terão representado, para mim, o início do interesse pela política nacional. Pai e irmãos mais velhos explicaram-me minuciosamente o significado da importância em lutar contra Salazar. As diferenças entre ditadura e democracia. Meu Pai, filho de um cidadão Inglês, um dia disse-me "aqui prendem os Oposicionistas e em Inglaterra pagam salários para se oporem ao Governo". Repetia estas palavras com assinalável ironia e revolta. Referia-se aos deputados e à dignidade que tem o estatuto de líder da Oposição no Parlamento Inglês. Foi então que entendi a diferença entre Governo e País. Governo e Nação. Governo e Estado. Ser Português não implicava apoiar o Governo, sobretudo quando os governantes não representavam a vontade popular.

Percebi, ainda adolescente, o valor que a livre expressão do pensamento representa. A importância das lutas pela justiça social. Ver crianças e jovens em pé descalço nas ruas de Campo de Ourique ajudou-me a compreender as diferenças entre pobres e ricos. As iniquidades eram geradoras de revolta.

Por outro lado, a longa prisão, por motivos políticos, em Caxias de um irmão de minha Mãe elevou esse sentimento de indignação. Uma espécie de ímpeto vindo do interior no sentido da necessidade em apoiar, de alguma maneira, as lutas democráticas.

Em frente da nossa casa vivia um agente da PIDE. Um carro *FORD* tipo jeep com a traseira enquadrada por ripas de madeira assinalava o vínculo do condutor à Polícia e à Legião. Curiosamente, no prédio ao lado dele, por cima, no terceiro andar, residia um democrata revolucionário. Hoje, pensando para trás, estou convencido que sabiam um do outro.

A política no sentido verdadeiro do termo passou a representar para mim interesse principal, a par dos estudos e da promoção cultural que impunha a mim mesmo. Para além das "lições" caseiras diárias, o exemplo de meu Pai e dos meus avôs terá, estou certo, sido decisivo como preocupação pela justiça social que sempre fez parte de mim. No essencial, é este o conceito de Esquerda que cultivo e ainda retenho.

Apesar da origem inglesa de meu Pai e de uma certa admiração que mantinha por Elizabeth de Windsor, em nossa casa, os valores Republicanos eram sistematicamente cultivados. Como princípio estruturante, realçava-se que apenas a República[3] permite que os Portugueses escolham livremente quem os represente e que o cidadão tenha a possibilidade, por sua própria decisão, a candidatar-se à magistratura suprema.

País rural, com a maioria da população analfabeta[4], em 1910, Portugal era pobre.

A Proclamação da República colocou a prosperidade como objetivo por todos desejada.

Curiosamente, hoje, a Saúde Pública ainda é reconhecida como "*base essencial de todo o progresso económico",* como estipulava a tese formulada no Congresso de 1911 pelos médicos delegados municipais de saúde que consideraram "*como fatores primários do desenvolvimento progressivo económico do país os mecanismos das assistências médica e sanitária"*[5].

A valorização do humanismo na perspetiva de dignificar e requalificar as condições de vida, especialmente dos pobres, foi, depois da Proclamação de 5 de outubro definida como principal prioridade. Os anos seguintes revelaram, porém, a complexidade do processo de desenvolvimento e a intransponibilidade de inesperadas barreiras.

---

[3] Texto adaptado a partir de apontamento que escrevi na publicação de *Retratos da República* de Veríssimo Dias e Ricardo Faria Paulino, por ocasião das comemorações do I Centenário (2010). Lisboa, Abril de 2010 [Publicado a 21 de junho de 2015, em www.dgs.pt].

[4] Taxa de analfabetismo estimada em 70%.

[5] Actas do Congresso dos Médicos Municipais promovido pela Associação dos Médicos Portugueses em Lisboa, Fevereiro de 1911 que contou com a presença do ministro António José de Almeida e de Ricardo Jorge, então Director-Geral de Saúde.

A I Guerra Mundial que mobilizou tropas Portuguesas para combaterem em França e em África, tal como a pandemia de gripe que se seguiu, vieram contrariar, entre outros fatores estruturais e de conjuntura, o desenvolvimento humano e socioeconómico que o Novo Regime de 1910 pretendia impulsionar. O atraso geral em todas as dimensões, o elevado analfabetismo, a ruralidade e pobreza do País marcam este período de imensas dificuldades.

Cinema & Música

Começavam os primeiros encontros nos cafés, sobretudo na Tentadora ou no Canas. A seguir as primeiras festas no Arte & Sport a antecipar o fim da adolescência.

Aos 12 anos alcancei a idade oficial de entrar no cinema. Campo de Ourique iria fazer de mim um cinéfilo para a vida. Vezes sem conta terei visto filmes no antigo Europa. Destaco o "Rio Bravo" do realizador Howard Hawks com a belíssima banda musical "El Deguello" de Dimitri Tiomkin.

Frequentava também o Jardim Cinema (o "Vergas", assim chamado porque as cadeiras eram em verga) e o Cinema Paris, única sala de cinema que conheci que projetava dois filmes diferentes separados pelo intervalo. Foi aqui que vi pela primeira vez, em 1963, "O Leopardo" de Luchino Visconti. Também em *reprise*, vi e revi o sempre belíssimo "Casablanca" que Michael Curtiz realizou em 1942. Ingrid Bergman e Humphrey Bogart inesquecíveis, tal como canção "As Time Goes By". Todo ele magnífico.

No grande écran do antigo Monumental relembro filmes como "Spartacus" de Stanley Kubrick com Kirk Douglas e Jean Simmons. Bem como a magnífica corrida de cavalos do filme "Ben Hur" realizado por William Wyler e que foi muito oscarizado em 1959.

Igualmente não é possível esquecer "Lawrence da Arábia" de David Lean, o melhor filme de 1962.

Em 1966, no São Jorge, o filme de Claude Lelouch "Un Homme et une Femme" gerou muita polémica na elite intelectual de Lisboa. Burguês ou não, é um belo filme. No antigo Cinema Berna vi o "Soldado Azul" de Ralph Nelson com Candice Bergen, classificado por Lauro António com muitas estrelas (1970).

Mais pelo lado político, "Em nome do Povo Italiano" de Dino Risi foi outro filme memorável (1971). Imperdível.

Cartaz "In nome del Popolo Italiano", 1971

Mais tarde vi, com grande prazer estético, pela qualidade indiscutível, as principais obras do cineasta italiano Sergio Leone, do norte-americano Clint Eastwood e do realizador chinês Zhang Yimou, em especial "Viver". A sua atriz de eleição, Gong Li, uma perfeição.

O gosto pela música emerge com intensidade, mas imensamente diversificado. Música, ora clássica, sinfónica de preferência, ora lírica, ora, ainda, baladas melódicas, ou de protesto, mas também jazz, mas sem ignorar os sucessos da época coroados por Elvis, Joan Baez, Bob Dylan ou The Beatles.

Sócio da Juventude Musical Portuguesa, frequentava os concertos no Tivoli sem, ao mesmo tempo, não faltar aos espetáculos ao vivo promovidos por Vasco Morgado no antigo Monumental: Charles Aznavour, Sylvie Vartan[6], The Animals, The Shadows[7] e outras bandas.

[6] Muito mais tarde, em 2004, na Sérvia, em Belgrado, no âmbito de uma viagem oficial, encontrei pessoalmente Sylvie Vartan. Com prazer disse-lhe que tinha estado com ela em Lisboa…
[7] No Império à Alameda D Afonso Henriques.

Azenhas do Mar & Vinagre

O bairro de Campo de Ourique como sede da nossa Casa era muitas vezes, ao longo de todo o ano, completado pela linha Praia Grande, Praia das Maçãs e Azenhas do Mar, em especial durante o prolongado período de férias de verão e fins de semana.

A nossa Casa era no centro da parte alta das Azenhas, junto ao Largo do Marcelino. Apesar da proximidade em relação a Lisboa, a vida era acentuadamente pitoresca, animada por cenários "de outros tempos". Lembro-me, por exemplo que a fruta era vendida à porta do quintal por mulheres que montavam burros com cestas carregadas de peras, pêssegos e uvas. Os preços eram acordados com minha Mãe sem grandes negociações. À hora de almoço, ao som da corneta chegava o carteiro a distribuir correio. Sempre uma festa. O cinema não faltava. A "Casa Amarela", duas a três vezes por semana, exibia películas antigas, recheadas de cortes, mas com nomes sonantes de Brigitte Bardot, Elizabeth Taylor, Rock Hudson ou Tony Curtis.

Gémeos George na Praia das Maçãs

Na Praia das Maçãs a seleção de filmes era ligeiramente melhor. Um dia, depois da sessão da noite, o ator principal, Rossano Brazzi, fez furor de tal forma que o seu nome foi repetido vezes sem conta nas semanas seguintes.

As amizades da vida lá estavam, também. Os filhos dos amigos de meu Pai estiveram sempre lá. Carlos George e José Pinto Nogueira eram inseparáveis, muito para além de serem os dois médicos, cultivavam uma proximidade imensamente fraterna que se transmitiu aos filhos com grande naturalidade. Éramos quase a mesma família.

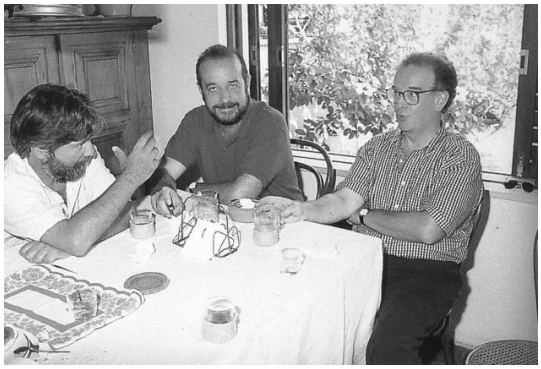
Os irmãos Jorge e Daniel Sampaio, vizinhos do bairro de Campo de Ourique, também eles filhos de médico[8], são, desde a juventude, amigos maiores. Daniel foi como um "tutor" na Faculdade e um conselheiro que ainda hoje escuto com a máxima atenção. Jorge um exemplo para a política.

[8] Arnaldo Sampaio que viria a ser meu Professor e o meu primeiro Director-Geral da Saúde.

O verão de 1967, dedicado ao estudo intenso da Anatomia Descritiva para o exame de outubro, foi passado na Praia Grande com Eduardo Barroso com quem estudava diariamente. O volume de horas de estudo era marcado com a ajuda de Daniel. Cumprir com rigor as orientações dele era o nosso princípio para assegurar sucesso garantido. Sempre assim sucedeu.

A partir de 1970 fomos para o Vinagre em Colares, mas os hábitos continuaram. Depois da grande viragem de 1974, já todos nós adultos, prosseguimos convívios com amigos e multiplicámos almoços e jantares que ficaram célebres entre nós devido à perfeita organização de Maria João apoiada pelas filhas Catarina e Alexandra. Eram grandes "chefes de cozinha". Por mero acaso, recentemente, encontrei Jorge Coelho que me relatou os pratos que saboreou na nossa casa de Colares. Por lá, em termos de dinâmica de amigos e de amigos dos amigos, passavam com frequência Jorge e Daniel Sampaio, José Vera Jardim, Maria de Belém, Assunção Esteves, José Lamego, Eduardo Ferro Rodrigues, Eduardo Barroso e seu irmão Mário, Eduardo Graça e António Correia de Campos. Algumas vezes estavam todos. Claro que Assunção Esteves destoava na opção política, mas animava os debates. Era muitas vezes o centro das atenções. Ela e a sua inseparável Carlota[9] animavam os serões com rara classe.

Em setembro de 1995, durante um almoço promovido pela Maria João na nossa casa de Colares e que juntou os irmãos Jorge e Daniel Sampaio e Eduardo Ferro Rodrigues falámos abertamente na candidatura de Jorge à Presidência. Dizia ele que era a fase da "colocação de estacas" para a corrida a Belém que depois seria ganhadora, como se sabe.



Almoço na fase de "colocação de estacas", Vinagre, Setembro 1995

[9] Nome da cadela que sempre a acompanhava e que pontuava pela absoluta desobediência.

Ensino Secundário & Juventude

O fim do segundo ano Liceal marcou a transição para a Juventude. Tinham acabado as saídas acompanhadas ou vigiadas por pais, irmãos ou tios.

Em 1960 começa a era da conjugação de interesses: estudos, política, cultura e namoros. Começa, também, a admiração pelos sucessos domésticos e europeus do Benfica de Eusébio.

Para o terceiro ano do Liceu, meu Pai colocou-me no Valsassina que frequentei até à entrada na Universidade.

Fui, aqui, muito feliz. Muito mesmo. Ambiente aberto, amplo, com edifícios modernos implantados numa vasta quinta, na época ainda com pouco cimento. Era uma Escola muito avançada no plano pedagógico.

Três professoras marcaram a minha formação para além do diretor Frederico Heitor. Antes de mais Avelino Cunhal, mas, também, Henrique Verol Marques (matemática)[10] e Nuno Crato (física)[11].

Avelino Cunhal era pai de Álvaro Cunhal. Tal como seu filho, tinha uma presença marcante. Ímpar. As lições de Filosofia ou de História eram muito atraentes. Sentado na cadeira, em cima do estrado, ligeiramente afastado da mesa, Cunhal costumava traçar a perna e começar a descrever as lições. Recordo a evolução da Guerra do Peloponeso na Antiguidade Grega. Acompanhava o relato com gestos das mãos que ajudavam a clarificar a exposição. Nas semanas frias do ano, usava plainas de feltro.

Meu Pai explicou-me quem era Avelino Cunhal e a razão pela qual seu filho estar preso. Contou-me que tinha sido parceiro de Álvaro no Senado da Universidade, ele como representante dos estudantes de Medicina e Cunhal de Direito. Eram da mesma idade. Mais tarde voltariam a estar juntos no dia da Independência de Angola. Ficaram os dois no Hotel em Luanda, a convite de Agostinho Neto. Amigos próximos na Universidade, neste reencontro pouco terão falado desse tempo porque Cunhal não gostava de personalizar conversas. Tinha uma postura fria que contrastava com a emotividade fácil de Carlos George.

No início dos anos 60, lembro-me de meu Pai ter explicado o significado de comunismo por palavras muito simples e convincentes. Dizia-me, simplesmente, que era uma sociedade sem desigualdades entre ricos e pobres e de eu ter exclamado que "então isso era bom".

Percorri também essa utopia. A nível pessoal dei contributos generosos. Mais tarde, sem qualquer sensação de arrependimento, compreendi a minha ilusão.

---

[10] Antigo Presidente da Federação de Bilhar.

[11] Tio do ministro Nuno Crato do Governo Passos Coelho (2011-2015).

Os anos que passei no Valsassina facilitaram opções políticas. Ditadura ou Democracia. Guerra Colonial ou Independência das Colónias.

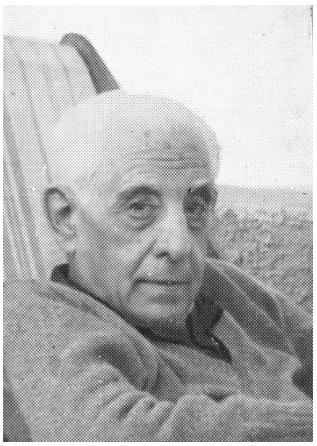
Aderi, como tesoureiro, à recolha de fundos para compra de nova rotativa para o jornal REPÚBLICA. Foi com orgulho que desempenhei esta missão. Terá sido a primeira iniciativa de raiz política que desenvolvi.

Frederico Valsassina Heitor

Em Janeiro de 1960 o regime de Salazar é abalado pela fuga espetacular de Álvaro Cunhal e seus companheiros da Prisão de Peniche. Em minha casa soube-se através da Rádio Moscovo que era ouvida com atenção nas ondas curtas da telefonia *Grunding* da sala. A notícia levou-me a conversar sobre o assunto com o meu Professor. No dia seguinte, ao abordá-lo, Avelino Cunhal colocou o braço sobre os meus ombros e perguntou-me como é que eu sabia. Expliquei. Emocionados, continuámos a subir os lances da escada até à aula, em silêncio absoluto.

Avelino era uma personalidade multifacetada. Um intelectual. Natural de Seia foi Governador Civil da Guarda durante a I República, era advogado, professor de História e de Filosofia, escritor e artista. Como advogado ficou célebre a defesa do próprio filho no Tribunal Plenário. Como professor dava aulas inesquecíveis. A qualidade do ensino foi testemunhada, entre ouros, por José Matoso, Bernardo Herold e José Cutileiro. Como escritor, Senalonga é uma prosa de referência sobre a vida na Serra no poente do Século XIX e transição para o alvor do Seculo XX. Senalonga é uma vila imaginária

que vive os problemas do País em 1900, sobretudo as sucessivas rotações dos partidos durante o reinado de Carlos de Bragança e os reflexos na Vila. Uma outra obra de Avelino Cunhal inaugura o neorrealismo no Teatro. As telas por ele pintadas a óleo, apesar de pouco conhecidas, são excelentes.[12]É verdade que a figura de Avelino Cunhal nunca foi devidamente destacada. Antes de 1974 compreende-se, visto que não seria do interesse de Salazar. Depois, já não se percebe. Teria sido desejo expresso de seu filho Álvaro?



Avelino Cunhal

Vivi, quer em Casa quer no Valsassina, a sucessão de acontecimentos que abalaram o Estado Novo. Depois da fuga bem-sucedida de Cunhal, no ano seguinte, o assalto ao Paquete "Santa Maria" por Henrique Galvão, em janeiro de 1961, obteve simpatia generalizada, quer a nível nacional e quer internacional (incluindo do presidente eleito do Brasil Jânio Quadros).

Em abril do mesmo ano Botelho Moniz não consegue afastar Salazar. A 1 de novembro a Oposição promove, provavelmente, o primeiro desvio de um voo regular. O avião da TAP foi desviado para lançar manifestos sobre Lisboa.

Antes do final de 1961, Goa, Damão e Diu são tomadas pelas tropas indianas de Nehru. Ao contrário das instruções enviadas por Salazar, os chefes militares portugueses decidem, sensatamente, pela rendição incondicional. Inicia-se a queda do Império. No Valsassina sente-se uma estranha tensão perante os acontecimentos. Em Casa há regozijo pelas sucessivas iniciativas que enfraqueciam Salazar.

Lembro-me bem da transmissão em directo pela Emissora Nacional do discurso de Salazar na Assembleia para assinalar o "desastre" de Goa. Naquele dia, afónico, "tal

[12] Recebi de meu Sogro uma tela pintada a óleo por Avelino Cunhal que retratava mulheres a venderem cerâmica na Feira de S. Pedro de Sintra. Em Maio de 1974, em homenagem à memória de Avelino Cunhal, resolvi oferecê-la ao filho. Fui, então, a São Bento entrega-la no Gabinete de Álvaro Cunhal, então ministro do I Governo Provisório. No dia seguinte escreveu-me um bilhete a agradecer. Recentemente, em casa de José Pacheco Pereira, na Marmeleira, vi uma pequena tela original pintada a óleo por Avelino Cunhal. Reconheci facilmente o estilo.

era a emoção”[13], entregou o microfone a Mário Figueiredo[14] para ler o seu discurso. Não terá passado despercebida toda a encenação de Salazar. Não compreendeu o seu próprio tempo. A descolonização estava em debate nas Nações Unidas. Um processo que não podia ser adiado, naturalmente.

Goa apontou o início do fim do Colonialismo. Foi, por isso, importante.

Poucos dias depois da queda de Goa, na noite de 31 para 1 de janeiro de 1962 o quartel de Infantaria de Beja é assaltado por Varela Gomes e Manuel Serra sob o comando estratégico de Humberto Delgado que se encontrava refugiado em Vila de Frades em abrigo organizado por José Luís Conceição Silva. Apesar do insucesso da operação, o assalto elevou a esperança da Oposição.

Depois, multiplicam-se acontecimentos que continuaram a abalar os alicerces do regime de Salazar: a repressão durante as celebrações do Dia do Estudante, sobretudo na Universidade de Lisboa, a emergência de guerras de Libertação em Angola, Moçambique e Guiné, o assassinato de Delgado por agentes da PIDE a 13 de fevereiro de 1965, a intensificação da perseguição aos democratas, são marcas associadas ao regime, geradoras de mais revoltas.

Salazar cai da cadeira em setembro de 1968. No ano seguinte, Caetano enfrenta a crise académica de Coimbra. Tenta “abrir” o regime, mas sem êxito A sua ideologia retrógrada e inflexível, prolonga desnecessariamente o colonialismo que envergonha o País no seio das Nações Unidas.

O Valsassina, como Escola laica, é palco para os estudantes do ensino secundário poderem discutir os acontecimentos com menos temor da repressão que se abatia nas escolas públicas.

Aliás, posso testemunhar que em 1963 o direto do Valsassina, Frederico Heitor, procurou, corajosamente, meu Pai no Consultório para o avisar que uma brigada de agentes da PIDE tinha, naquele próprio dia, estado no Colégio para saber informações das atividades associativas de nós (de mim e de meu irmão).

Foi, então, que meu Pai decidiu que meu irmão iria para Londres prosseguir os estudos e que eu ficaria a completar o quinto ano que tinha desdobrado em dois (primeiro Letras e depois Ciências). Assim sucedeu.

Reencontrei meu Irmão no ano seguinte em Cambridge onde conheci Maria João[15]. Cambridge é uma cidade de estudantes muito especial. Sente-se a importância da Ciência, da construção do Conhecimento. A cidade é atravessada por uma série de

---

[13] Expressão mencionada pela voz rouca de Salazar em direto aos microfones da EN.

[14] Mário Figueiredo era uma figura apagada do Estado Novo, apesar de ser Presidente da Assembleia Nacional.

[15] Viria a casar com Maria João Gaudêncio Simões no final de 1970.

colégios e instituições científicas de renome internacional. Henrique VIII está muito presente, tal como Isaac Newton[16] ou, muito mais recentemente, James Watson e Francis Crick que aí descobriram a dupla hélice da estrutura do ADN.[17]

A transição da primeira para a segunda metade dos anos 60 é marcada pela atenção aos fenómenos sociais, à promoção cultural e, naturalmente, à vida própria, normal para a época, de um jovem inserido numa família exigente.

Era, também, o tempo das festas e da música e dos namoros de verão.

Para além do Cinema, as preocupações pela cultura ficaram marcadas pelo interesse que adquiri pela Literatura (Antero, Eça e Jorge Amado como preferidos), pela Música Clássica (com acesso facilitado pela minha condição de sócio da Juventude Musical) e mais tarde pelo *ballet* que constituiu uma sedução difícil de explicar. Um encanto, sobretudo quando, para além do libreto, resulta da dupla Tchaikovsky e Marius Petipa. Música e coreografia têm a virtude de estimularem um vasto especto de emoções. Juntam diversas sensações que formatam beleza. Conjuntos ímpares que harmonizam a música e outras expressões artísticas, curiosamente distantes do nosso saber e poder.

Frequentava, igualmente, as exibições do Coro da Academia de Amadores de Música de Lopes Graça. Inesquecíveis as Marchas e as Canções Heroicas. Vibrantes.

Maria João Gaudêncio Simões

"Em Inglaterra, no comboio a caminho de Cambridge, no verão de 1964, conheci Maria João. Era época de Salazar, da repressão, da censura, de Caxias e Peniche, da guerra colonial, dos movimentos estudantis contra o regime, mas, também, da emergência de nova cultura jovem, da pílula que mudou para sempre a vida das mulheres. Era época do mundo dividido em dois blocos, mas, também, da China de Mao e, ainda, de Cuba de Fidel e da guerrilha do *Che*. Era tempo dos livros e dos filmes franceses e, também, de Maio de 68 de Daniel Cohn-Bendit e Charles De Gaulle. A música era dos *Beatles*. A conquista do espaço teria o auge em 1969 com a alunagem e com os inesquecíveis primeiros passos de Neil Armstrong a 20 de Julho. Eram os anos 60." [18]

---

[16] As grandes descobertas de Newton ficaram para sempre associadas ao *Trinity College* que ainda hoje ostenta, simbolicamente, uma MACIEIRA debaixo da janela dos seus aposentos.

[17] A visita ao *PUB The Eagle*, em frente do *King´s College*, é obrigatória desde então, uma vez que foi no próprio *PUB* que CricK e Watson terão tido a ideia da estrutura helicoidal do ADN, em 1953. Pelas célebres descobertas de Cambridge receberam o Nobel em 1962.

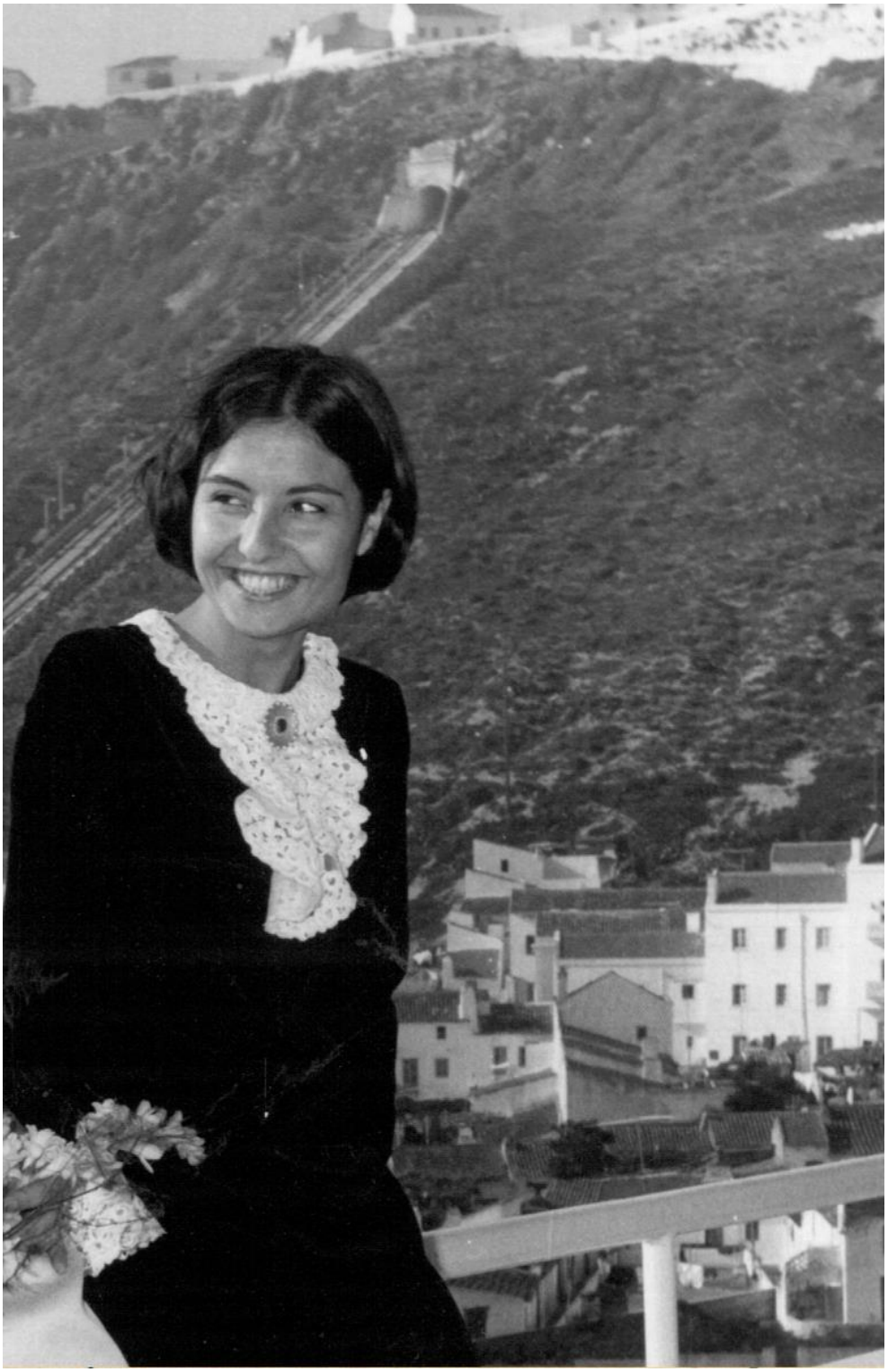
[18] Excerto da introdução que fiz para o volume publicado pelo Diário do Alentejo com as "Crónicas da Cidade de Beja" de Maria João George.

Maria João e Francisco, Cambridge, Verão, 1964

Maria João, como arquiteta, dedicou-se à reinstalação da Aldeia da Luz. Estudou e percebeu o Guadiana para poder coordenar o projeto que a grande albufeira criava inevitavelmente. Coordenou, com êxito, as iniciativas que visavam a recomposição do quadro físico com manutenção das relações sociais. Mesmo depois da Nova Aldeia da Luz povoada pelos mesmos habitantes da que ficaria submersa, continuou a fabricar ideias, traduzidas em numerosos esquiços, para cada ponto do regolfo. Para Maria João eram "as aldeias de água", como frequentemente dizia.

"A 21 de Março de 2006 um despiste de automóvel no ponto que afunila a estrada de Beja para Lisboa, antes de chegar ao Sado, tirou as vidas a Maria João e a Catarina que nesse dia completava 32 anos de idade." [19]

[19] *idem*



Maria João, Nazaré, 1969

Última fotografia de Maria João com a nossa Filha Catarina, 2006

Rua dos Infantes, 34, Beja

As muitas manifestações de solidariedade que nesses dias e também depois, eu e os meus filhos recebemos, foram decisivas para ir em frente.

Dois dos quatro netos, Maria João e Rodrigo George (Beja, Maio 2013)

A Família Gaudêncio Simões

Integrei a Família de minha Mulher com natural envolvimento depois do nosso casamento no final de 1970. Temos o Gonçalo dois anos depois e a Catarina em 21 de Março de 1974. A Alexandra nasce em 1980.

O meu Sogro, João Simões, era Arquiteto. Tinha projetado imensas obras modernistas de referência, sobretudo em Lisboa. Recebera dois prémios Valmor entre outras distinções. Mas, o projeto que ele descrevia com maior emoção foi o do Estádio da Luz, uma vez que tinha sido jogador da primeira equipa deste Clube. Realçava que tinha desenhado o estádio em casa, depois do jantar e que para tal montara grandes estiradores na sala e que tinha sido necessário derrubar uma parede para a ampliar. Maria João contava que seu Pai gatinhava por cima dos estiradores e que essas imagens a influenciaram no sentido da escolha futura da Arquitetura. Quando falava nesta obra, sublinhava que o projeto fora oferecido ao Clube como, aliás, a maior parte dos materiais de construção que eram levados para Carnide pelos sócios. Uns ofereciam cimento outros a própria força de trabalho.

O Estádio da Luz desenhado pelo Arquiteto João Simões (1954)

Faculdade de Medicina de Lisboa

Em Outubro de 1966 entrei na Faculdade de Medicina, instalada no Hospital de Santa Maria. O curso era muito longo. Na altura tinha seis anos seguidos e um sétimo de estágio (então designado como Prática Clínica). Só depois seria possível a inscrição na Ordem dos Médicos.

Reencontrei o meu antigo amigo do "Lar da Criança", Eduardo Barroso, logo na primeira aula de Xavier Mourato que na altura era o Diretor da Faculdade e nosso professor de Biologia Médica. Ao sentar-me no maior Auditório e ao olhar para o lado reconheci-o de imediato. Foi uma festa, desde esse momento. Eduardo tinha estudado no Colégio de sua Tia Maria Jesus (Moderno) e eu no Valsassina. Tinham sido poucos os nossos contactos durante este período de tempo. Sabia dele pelo seu irmão Mário que na Pró-associação dos Liceus encontrava algumas vezes. Mas, desde o reencontro de 1966, fomos sempre companheiros inseparáveis, ligados por amizade fraterna. Separava-nos, todavia, para além do perfil da personalidade de cada um de nós, o Sporting e as suas noitadas de Bridge. O meu ciclo "produtivo" era preferencialmente matinal e o dele mais pela noite.

Eduardo sempre foi igual ao longo dos anos. Com o emblema do "seu" Sporting sobretudo no coração, partilhava muito de perto este entusiamo com Daniel Sampaio.

Preparámos em conjunto as principais disciplinas, incluindo Anatomia Descritiva, com o apoio atento do nosso "tutor" Daniel. Fizemos tudo de seguida, sem reprovações a nenhuma disciplina.

As indicações de Daniel Sampaio, dois anos à nossa frente, eram sempre observadas: indicava livros, a forma de preparar exames, de lidar com os professores, a escolha dos melhores assistentes, etc.

Em termos de dinâmica de grupos que se desenhou progressivamente, destaco, no plano académico e da amizade, António Rendas, Maria do Céu Machado, João França Gouveia, José Gameiro, Anabela Malva do Vale, Benedita Rocha, Reimão Pinto, Daniel de Matos, Monteiro Grilo, Alexandre Castro Caldas, Serafim Rosas, Amadeu Peixoto Menezes, Ana Maria Correia, e as minhas duas companheiras de estudo, mais tarde, nas disciplinas clínicas Judite Fernandes e Natália Madureira.

Consegui associar o duplo cuidado em ter boas notas e participar em movimentos estudantis. Assim aconteceu.

Na atividade associativa e política anti-Salazar, no seio da Faculdade, realço, José Manuel Jara, António Machado Saraiva, António Jorge Jara, João Vizinho, Eugénio Pinto Basto, Fernando Vasco da Silva Marques, João Gíria, Álvaro Carvalho, Joaquim Judas e Sita Vales.

Entre 1966 e 1969, através de Eduardo Barroso, acompanhei o percurso político inicial de João Soares. Na Rua do Malpique, combinámos várias intervenções cívicas juntos. Por vezes, à noite, participámos em "pichagens" com apelos ao fim da Ditadura. O "nitrato de prata" era preparado a partir de reagentes subtraídos no laboratório de química do Colégio. Aliás, as pinturas com esta solução eram como que "milagrosas", visto que de noite nada se via e só pela manhã, depois da exposição aos raios solares, as paredes das ruas apareciam com os apelos escritos a tinta negra (as paredes e as nossas mãos...).

As aulas, contudo, tinham sempre a prioridade absoluta. Mantenho boas recordações de alguns professores que terão marcado mais a minha vida académica. Entre eles destaco Armando dos Santos Ferreira (Anatomia Descritiva), Jorge Silva Horta (Anatomia patológica), Cândido de Oliveira (Bacteriologia) e Fernando de Pádua (Clínica) e Salomão Sequerra Amram (Medicina).

A Faculdade de Medicina foi muito importante para a minha formação. Entrava-se em jovem e acabava-se, sete anos depois, já em idade madura.

No plano pedagógico nem todos os professores e assistentes eram bons, naturalmente. Olhando para trás, reconheço que no final, a formação adquirida era robusta. Senti-me Médico ao entrar no Serviço 1 do Hospital de Santa Marta.

Procurei a dimensão científica, direta ou indiretamente, associada à Medicina, à margem da Faculdade. Apesar disso, penso que a inserção na Universidade (e não apenas na Faculdade) foi essencial para a descoberta do interesse pelo Conhecimento.

Mas, reconheço, que a cultura da Investigação foi sempre um ponto muito frágil do nosso ensino universitário. Era quase inexistente. Por exemplo, sabíamos que a Fundação Calouste Gulbenkian tinha oferecido um Microscópio Eletrónico ao departamento de Biologia Médica, mas, significativamente, nunca nenhum dos estudantes o viu, nem mesmo que à distância...

Portugal nos anos 60

Portugal nos anos 60 estava confrontado com a guerra colonial. Salazar com a expressão "*Para Angola Já e em Força*" sintetizava a sua determinação de nem sequer admitir discutir o problema.

Juntaram-se a seguir combates na Guiné e em Moçambique.

Naqueles anos, Portugal estava não só incomunicável com o mundo socialista, como também isolado pelo Ocidente. Até o Papa recebeu no Vaticano os lideres dos movimentos de libertação. Salazar, absolutamente solitário, prossegue a sua política colonialista sem apoios nas Nações Unidas.

O País não encontra rumo para se desenvolver. Fazer um simples telefonema para uma cidade do Interior não era fácil. Pobreza e analfabetismo eram chocantes para todos, menos para os propagandistas oficiais.

Caxias, Peniche e a sede da Rua António Maria Cardoso eram símbolos maiores da repressão.

O Capitão Maltez comandava as matracas e os portugueses viviam com medo. Com falta de confiança no futuro.

As grandes cheias de 1968 provocaram mortes nas zonas periurbanas de Lisboa devidas à falta de infraestruturas de saneamento e inexistência de meios de socorro e de emergência. Todos os recursos eram enviados para as frentes de Guerra.

Os anos 60 são marcados, em 1968, pela Revolta de Maio em França que abalou os princípios da República Francesa.

No ano seguinte a Crise Académica de Coimbra mobilizou estudantes de todas as universidades. Integrei uma pequena delegação informal da Universidade de Lisboa com Alberto Costa (de Direito), Jaime Gama (Letras) e José Luís Nunes (de Direito). Lembro-me de ter assistido a uma Assembleia Magna e à sua preparação de véspera com Alberto Martins.

À semelhança do sucedido em todo o Mundo, a Esquerda divide-se em Portugal. O seguidismo do PCP em relação a Moscovo, sobretudo depois da Invasão de Praga, cria posições estremadas. Naturalmente, os movimentos Estudantis passaram a refletir essas divisões.

Movimentos Democráticos

Por minha motivação e, certamente, devido à educação recebida, aos exemplos de Casa, mas com plena consciência e responsabilidade pessoal, senti a obrigação, natural, de dar contributos aos diferentes movimentos anti-Salazar.

Foi, assim, que participei, ainda estudante, em dois Congressos da Oposição Democrática que tiveram lugar em Aveiro e também, de forma mais organizada em grupos de apoio a movimentos políticos, nomeadamente GSAF e CDE. Estive, também, envolvido em trabalhos organizativos desenvolvidos por células do PCP. Subscrevi, igualmente, abaixo-assinados (incluindo um promovido por Mário Soares[20]) ao mesmo tempo que estava rodeado por iniciativas associativas de estudantes no âmbito da Faculdade ou das Academias de Lisboa e Coimbra. Com Jaime Gama e Alberto Costa e Alberto Martins participei em plenários durante a Crise de Coimbra (1969).

Em junho de 1969 fui à célebre reunião de São Pedro de Moel para preparação dos programas dos movimentos democráticos nas eleições gerais desse ano. O capítulo sobre a Saúde reclamava "serviços de saúde com os ramos preventivo e curativo perfeitamente interligados, eficientes, generalizados a toda a população e gratuitos".

Lidei de perto com outros democratas, sobretudo em Lisboa. Na Base da CDE de Campo de Ourique eram Lino de Carvalho, Modesto Navarro e Souto Teixeira, entre outros, que estavam na linha da frente. Já na "Gonçalves Crespo" pontuavam os três irmãos Pinto Basto (Hernâni, Eugénio e Ludgero), António Luís Neto, Manuel Pardal e Eduardo Ferro Rodrigues.

Uma vez, em 1969, durante a campanha eleitoral da CDE, eu, juntamente com o António Luís, o Ludgero e o Eugénio fomos perseguidos por uma brigada da Legião de arma em punho: pelas 3 da manhã quando nós estávamos entretidos a descer a Avenida da Liberdade a descolar os cartazes da União Nacional fomos surpreendidos por Legionários e PIDES. Com o apoio de Nicolau Breyner que acabara de sair do Parque Mayer, conseguimos fugir sem sermos identificados (para tal, a imensa notoriedade pública de Nicolau permitiu-lhe manter conversa com os agentes da PIDE a fim de os distrair e facilitar a nossa fuga).

Foram tempos que vivi com emoção e intensidade.

O meu pensamento foi moldado pela visão que colocava a Liberdade à frente. Liberdade em todas as suas dimensões. Para nós e para outros. Eliminar as imensas diferenças entre poderosos e humildes era o objetivo que eu considerava como elemento principal da Liberdade.

[20] Manifesto "Ao País" apresentado por Mário Soares em maio de 1969 que apela a eleições livres.

Primeiro Charles Darwin e depois Karl Marx foram importantes para eu poder compreender a História do Homem. A origem e evolução das espécies, tal como as lutas de classes permitiram-me entender quem somos, como estamos organizados e o que queremos. No plano filosófico senti-me bem comigo. Não precisava de mais doutrinas. A análise que constantemente fazia ao meu interior era suficiente. Vivia confiante. Sentia conforto. Estava bem comigo. Encontrava respostas às exaltações próprias da juventude. Por outro lado, as leituras das famosas conclusões dos trabalhos de Isaac Newton e Albert Einstein que explicariam o Universo com fundamentação científica foram, na minha perspetiva, decisivos. Revigorantes. Em termos da dimensão filosófica da vida, diria que, naquele tempo, iniciei a saída da juventude e a entrada na idade adulta, muito tranquilamente. A minha relação pessoal com o Universo foi, desde então, confortável. Não compreendia o fenómeno da religião e muito menos a Igreja e estranhava a sua presença constante no Estado. Reconheço, porém, que a Religião deve ser respeitada. Tolerada e nunca ser motivo de discriminação ou confrontos. Afinal é a Liberdade o primeiro dos valores.

A nível internacional, a bandeira do Vietnam unia democratas em todo o mundo. Quase ninguém conseguia defender a presença Norte Americana. Multiplicaram-se, muito justamente, manifestações de apoio aos combatentes vietnamitas de Ho Chi Minh. Por todo o lado. Em Lisboa foram os Estudantes que mais elevaram os protestos.

A minha participação nestes movimentos tinha apoio familiar, uma vez que cumpria com distinção as sucessivas passagens de anos e das disciplinas quer básicas quer clínicas.

Ainda na Oposição aderira à CDE organizada na base de Campo de Ourique e mantinha ligações com células do PCP que apoiava com regularidade. Em março de 1974 estive detido em Caxias de onde saí poucos dias depois mediante pagamento de caução.

Poucas semanas a seguir, surge a concretização de desejos e sonhos na Madrugada de 25 de Abril.

Então, senti e vivi a Democracia. Um tempo inteiramente diferente. Tudo novo.

Mais tarde, percebi que o regime inaugurado pela Constituição de 1976 não seria perfeito. Acentuava desmesuradamente a presença de Partidos na vida política e até na sociedade. Apagava a intervenção de cidadãos.

Todos os partidos de regime democrático organizaram-se de forma anti-democrática. Fechada. Por exemplo, num pequeno concelho do País, a Comissão Concelhia de um partido tinha, estatuariamente, que ter, pelo menos, 15 membros inscritos. Ora, acontecia que o chamado “líder” da concelhia, ao promover a entrada do seu cônjuge e de sogros e familiares, tinha facilmente os votos maioritários se não deixasse entrar novos militantes. Era ele que escolhia os candidatos às eleições para as autarquias. Ele

seria, como líder, o principal candidato. Assim estava garantida a sua própria eleição ora para Presidente da Câmara ora para Vereador, consoante o seu partido ganhasse ou perdesse...

44 anos de Carreira Médica. 44 anos de serviço público nacional e internacional

Iniciei a carreira de Médico no âmbito do Internato Geral. Escolhi o Hospital de Santa Marta, onde meu Pai[21] era um respeitado Internista e desde 1956 Diretor. Foi ele que reprogramou o Hospital quando ficou devoluto devido à transferência de médicos, enfermeiros e doentes para o novo Hospital de Santa Maria, em dezembro de 1954.

Em 1974, no Dia 25 de abril, estava de serviço ao Hospital e apresentei-me tal como determinara o primeiro Comunicado emitido pelo Posto de Comando do MFA difundido pelo Rádio Clube Português. De quando em vez, não resistia estar de braços cruzados, uma vez que não surgiram problemas, e saía para ir ao Carmo. Estive lá. Inesquecível.

FG à chegada de Mário Soares à Cova da Moura (Abril de 1974)

Já de novo no Hospital, pelas 16 horas, uma imensa emoção. Com o rádio ao centro da mesa a emitir notícias dos canhões de Salgueiro Maia. A rendição de Caetano foi

[21] Meu Pai era um médico Internista que levava o serviço público muito a sério, apesar de exercer, também, medicina privada. Em 1956 foi nomeado Diretor de Serviço de Clínica Medica dos Hospitais Civis de Lisboa e incumbido de reorganizar o Hospital de Santa Marta.

recebida com gritos de alegria. Muitos choravam de contentes. Uma imensa FESTA de abraços.

O Serviço Médico à Periferia foi criado em 1975 e "apanhou", pela primeira vez, o meu ano de formação da Faculdade.

Depois de um curto período de serviço militar, fui colocado em Odemira em Serviço Médico na Periferia. A utilidade que senti como médico era diferente. O ambiente rural das aldeias que percorria diariamente para observar doentes representou para mim um encanto que nunca consegui explicar.

O ambiente em Odemira era ímpar. A mesma casa, no centro da Vila, em frente aos Bombeiros Voluntários, alojava toda a equipa constituída por 12 jovens médicos. Os locais de consulta eram distantes como Saboia e Santa Clara, por exemplo. Naquele tempo para ir a Vila Nova de Milfontes era preciso utilizar o serviço de barco a remos para atravessar o Rio Mira.

Em Odemira os médicos, todos colegas do mesmo ano de licenciatura, colaboravam, de forma exemplar, uns com os outros. Uma lição de vida em equipa que perdura. Lá estavam Fernando Vasco Silva Marques, Beatriz Lamas, Judite Fernandes, Emília Tiago, Maria João Neto e Justino Abreu, entre outros.

A seguir à Periferia, entrei na especialidade de Medicina Interna, novamente em Santa Marta. Foi difícil, muito difícil, escolher uma especialidade para prosseguir a Carreira Médica depois da riqueza da lição de Odemira.

Entrei em Medicina Interna. Rapidamente percebi que não conseguia ser o filho do Diretor do Serviço em Santa Marta. Não era uma posição confortável. Ganhei coragem e procurei meu Pai para dizer que iria mudar de especialidade para Saúde Pública e que iria falar com o Diretor-Geral de Saúde[22] para me aconselhar. Assim sucedeu. Afinal sem contrariedades de minha Mulher nem de meu Pai fui livre de escolher.

Arnaldo Sampaio era pai de dois amigos meus. Conheci-o bem na sua casa da Praia das Maçãs. Sentado à varanda virada para o Atlântico, na zona conhecida como "Funil Gordo", ouvia as suas explicações com atenção e admiração. Foi meu professor e o primeiro Diretor-Geral com quem trabalhei, no plano institucional, dez anos depois daquelas conversas à beira mar.

A partir de 1977 passei a adquirir o estatuto de funcionário público com vínculo à Direção-Geral da Saúde.

[22] Arnaldo Sampaio.

Arnaldo Sampaio tinha enorme prestígio. Sabedor. Inteligente. Premiava o mérito sempre que possível. Distinguia os melhores. Colocava sempre à frente o interesse público. Servia o País e não o Governo. Fazia-me lembrar meu Pai.

Na "primavera" de Marcelo Caetano, o médico Baltazar Rebelo de Sousa assumiu a pasta da Saúde. Convidou Francisco Gonçalves Ferreira, especialista em saúde pública, para o seu Gabinete, como Secretário de Estado e Teresa Lobo para Subsecretária de Estado. Pela primeira vez uma Mulher adquiria o estatuto de membro do Governo.

Baltazar Rebelo de Sousa inovou. Sem dúvida, fez a diferença. Marcou o início de uma nova fase. Preocupou-se com a saúde dos cidadãos e das famílias. Sabia que a FAMÍLIA é base da sociedade. É o seu maior pilar.

Ao ter estado na origem da criação dos primeiros Centros de Saúde, instalando um em cada concelho, ficou, em termos históricos, associado ao lançamento destas unidades em Portugal. Rebelo de Sousa contou, para tal, com o apoio de Arnaldo Sampaio[23]na área da Saúde Pública e de Coriolano Ferreira e de meu Pai para a reorganização hospitalar.

Arnaldo Sampaio tinha grande prestígio nacional e internacional. A sua condição de médico especialista de indiscutível competência (e não de político do Estado Novo) foi determinante para o sucesso da instalação de centros de saúde a cargo da DGS.

Aqueles Centros de Saúde tinham como Diretor, por inerência, o Delegado de Saúde. A ideia era utilizar capacidade de gestão destes médicos e associa-la às iniciativas preventivas que necessitavam de novo impulso. Em cada um dos 18 distritos, foi criado um Centro Distrital que coordenava a rede de centros de saúde dos respetivos concelhos. Por mais pequeno que fosse o concelho era instalado um Centro que pelo menos tinha como valências a Saúde Infantil, Saúde Materna, Saúde Ambiental e Cuidados Médicos.

A Reforma da Saúde Pública, durante este período pre-1974, foi conduzida com assinalável mestria por Francisco Gonçalves Ferreira, Arnaldo Sampaio, Aloísio Coelho e Laura Aires. Para além dos serviços centrais e locais da DGS, o Instituto Ricardo Jorge e a Escola Nacional de Saúde Pública, que inicialmente estava integrada no Ministério da Saúde, faziam parte do processo.

Em Lisboa, na DGS, havia um excelente grupo de especialistas, nomeadamente José Lopes Dias, Leonel Barreira, Fernando Melo Caeiro, Manuela Santos Pardal, Fernanda Navarro, José Bandeira Costa, Celsa Carvalho, Purificação Araújo e António Lobato Faria.[24]

---

[23] Arnaldo Sampaio era o Diretor-Geral da Saúde.

[24] Lobato Faria, engenheiro sanitarista, introduziu em Portugal a nova disciplina de Saúde Ambiental.

Também é nessa altura que António Correia de Campos se destaca como jurista e economista da saúde.

Logo depois, Constantino Sakellarides inicia os seus trabalhos inovadores no Centro de Saúde Sofia Abecassis, em Lisboa.

Longe da Capital, numa pequena, mas sólida linha avançada, estavam Pinho da Silva, Cardoso Ferreira, Carlos Daniel, Fernando Vasco da Silva Marques, Beatriz Lamas de Oliveira, António Melich Cerveira, António Salvado e Vidigal e eu mesmo.

O Concelho de Cuba foi a minha primeira escolha para desempenhar funções de delegado de saúde. Vila pequena do Baixo Alentejo, mas muito especial. A tradição e ligações familiares que eu tinha à Cuba foram determinantes nesta opção.

Cheguei à Vila ainda antes das primeiras eleições para as autarquias que tiveram lugar em 1976.

O médico local, que se aposentara por limite de idade, Aníbal Teixeira, e que eu ia substituir foi a minha primeira visita. Aníbal Teixeira estava afastado de tudo, incluindo do velho Hospital da Misericórdia. A seguir visitei o Presidente da Câmara. Na verdade, o Senhor Abrantes era o Presidente da Comissão Administrativa que tinha sido nomeado para exercer funções depois de Abril. O Senhor Abrantes era um conhecido Republicano da Oposição, homem sério que aceitara a missão de estar na Câmara até às primeiras eleições. Recebeu-me no seu Gabinete com grande satisfação. Não me esqueço que, nesse mesmo dia, assisti à conversa telefónica entre o Governador Civil de Beja, Brissos de Carvalho e o Presidente Abrantes. A notícia transmitida pelo telefonema era inesperada: havia 100 contos disponíveis no Governo Civil para serem utilizados na Cuba. Impressionou-me, porém, a falta de planeamento que a conversa refletia.

Na Vila, nos primeiros dias, eu e Maria João, e nossos filhos Gonçalo e Catarina, cuidámos de preparar casa, escolas e ocupação profissional para uma arquiteta.

Como delegado de saúde envolvi-me em trabalhos baseados em abordagens preconizadas pelo então Diretor-Geral da OMS. Era o médico dinamarquês Halfdan Mahler (1923-2016). Extraordinário. Insistia na ligação da saúde ao desenvolvimento económico e social fundamentado pela promoção da articulação de políticas de outros sectores e departamentos de Estado. Às iniciativas da Saúde juntar-se-iam, obrigatoriamente, as da Educação e Agricultura.

Adaptei este modelo ao concelho de Cuba. Nível muito micro, portanto. Alfabetização foi uma prioridade. Consegui autorização do Ministério da Educação para destacar no

Centro de Saúde uma professora do ensino primário[25], ao mesmo tempo que promovia a participação de cidadãos em assuntos do Centro de Saúde.

A potabilidade da água era outra das primeiras preocupações. O técnico sanitário do Centro de Saúde dispunha de uma motoreta para percorrer as fontes de água a fim de serem devidamente tratadas com cloro. Algumas vezes ia com ele.

Participava também nas sessões dos trabalhadores rurais na perspetiva de estabelecer mais aproximação com a Saúde.

Essa ligação era assegurada através do Centro de Beja do Ministério da Agricultura, mas também pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Foi nesse contexto que membros do Conselho da Revolução estiveram no Centro de Saúde de Cuba, rodeados pela população local. Na altura, também Vasco Gonçalves e Rosa Coutinho mantiveram contactos de grande proximidade com os trabalhadores "da Cuba". Foram, como se pode imaginar, calorosamente recebidos. Foram visitas estimulantes e que facilitaram o processo de mobilização de energias da população para participarem na construção da ligação mais cooperante entre sectores da Saúde e da Agricultura, ao tempo dedicada à Reforma Agrária.

FG com trabalhadores rurais e Vasco Gonçalves, Cuba, Alentejo (1976)

[25] Bertolina Sales foi a professora primária destacada para o Centro de Saúde.

O Centro de Saúde foi instalado no edifício do Hospital na esperança de apagar a designação "hospital" a favor de centro de saúde. Como se percebe era muito mais que uma questão de semântica. A essência do trabalho estava focada na família. Os ficheiros estavam organizados por famílias e moradas.

Regularmente visitava as famílias mesmo sem ser chamado. Em regra, era convidado para entrar. Quase sempre transmitia conselhos sobre higiene individual e coletiva, sobretudo no período em que a cólera tinha voltado a Portugal.

Em 1976 ainda não tinham começado as grandes obras de saneamento básico que viriam a transformar o padrão de morbilidade do País. Por isso, eram ainda utilizados métodos artesanais para garantir a desinfeção da água.

Durante a epidemia de cólera, foram distribuídos gratuitamente milhares de frascos com solução de cloreto de sódio através dos serviços do Centro de Saúde. Cólera em Portugal, imagine-se.

Participei na identificação e controlo do surto de carbúnculo, imagine-se também.

No verão eram frequentes os casos de febre escaro nodular que motivou a minha atenção como epidemiologista operacional. Nasceu aí o meu interesse pela prevenção e controlo das doenças transmissíveis.

A época dos governos provisórios viria pouco depois a acabar. Iniciou-se o regime Constitucional.

Eram muitos os estrangeiros que queriam conhecer Portugal Democrático. O Sistema das Nações Unidas não era exceção.

Em regra, o Diretor-geral de Saúde, Arnaldo Sampaio, propunha como itinerário aos consultores da OMS, a fim de entrarem em contacto com o "novo" País, os locais onde estavam jovens delegados de saúde da sua confiança. Era o caso de Maria José e Cardoso Ferreira em Aljustrel, Constantino Sakellarides no Centro Sofia Abecassis (Lisboa), Pinho da Silva no Norte e Cuba do Alentejo onde estava eu desde 1976. Sublinho que era muito apoiado pelo Delegado de Saúde de Beja, Lopes Vasques, que exercia funções de diretor do distrito. Sem ele não teria sido possível subir a "onda" com tamanha facilidade.

Fui vezes sem conta visitado por consultores a quem mostrava as aldeias tradicionais e o trabalho de literacia em saúde impulsionado pelo pessoal do Centro de Saúde. Para além das conversas (tipo *briefing* à moda dos consultores das Nações Unidas) tinha sempre o cuidado de passar nas adegas, onde ao final da tarde, os trabalhadores espontaneamente cantavam modas com grande qualidade. Alguns desses visitantes ficavam a pensar como era possível a um médico entrar naqueles ambientes e interagir com visível intimidade com aldeões a cantarem. Outros pensavam que era a

forma de os trazer para o "nosso lado" na perspetiva da educação para a saúde. De entre estes últimos, estabeleci estreita amizade com Manuel Carballo, gibraltino com passaporte britânico, mas formado em sociologia nos Estados Unidos.

Em 1978, a convite dele, uma pequena equipa[26] do Centro de Saúde visitou, formalmente, a Divisão de Saúde da Família na Sede da OMS em Genebra. Com esta iniciativa obtive o estatuto de Consultor visto que ia apresentar o trabalho em saúde comunitária que estava a ser desenvolvido em Portugal. Foi um orgulho para mim. Ter recebido da OMS um salário pelo dia correspondente à apresentação, acrescido de *per diem*, foi motivo de satisfação interior que compensou largamente o *stress* prévio à apresentação perante dirigentes e funcionários daquela Unidade. Correu bem. A avaliação que fizemos foi muito positiva. Tínhamos treinado a exposição em língua francesa e afinado todos os pormenores dos slides que fomos exibir. Valeu bem a pena. Entrar na Sede da OMS naquele edifício gigante foi motivo de regozijo que não mais esquecemos. No final de 1979 recebi novos contactos daquela Divisão de Genebra. Fui então proposto para integrar uma missão da OMS à China com o estatuto de Consultor. Assim aconteceu. Juntei-me à equipa em Shangai. Foi a minha primeira grande viagem.

OMS

A minha primeira grande experiência internacional, na China, tinha corrido bem. Colocaram-me então a hipótese de eu concorrer a um posto ou em Manila ou em Brazzaville.

FG com a Ministra da Saúde, China, 1980

[26] Foram comigo a Genebra dois médicos internos que estavam no Centro de Saúde de Cuba: Luís Marquês e Augusto Goulão.

Atendendo à maior "proximidade" de Brazzaville que era servida por voos diretos da TAP escolhi a Região Africana com sede na capital do Congo ex-Francês. Fui colocado em Bissau para trabalhar no desenvolvimento do Sistema de Saúde e na extensão da bacia do Rio Gâmbia no Programa de Luta contra a Oncocercíase.

Nunca tinha estado antes em África. Em Outubro de 1980 cheguei a Brazzaville. Algum tempo depois instalei-me na Guiné-Bissau.

Foram tempos bons. Percebia a utilidade das iniciativas que eu conduzia todos os dias. Eram muitas as dificuldades, mas todas ultrapassáveis.

Lembro-me de, em pleno mato, estar a olhar, parado, para uma pequena aldeia guineense (tabanca) perto de Quinhamel. Pensei, então, quais seriam as diferenças trazidas pelo avanço do tempo e pelo desenvolvimento económico e científico. As condições de vida e os costumes como teriam progredido nos últimos 100 anos? E 200 anos? Eram as interrogações que eu colocava a mim mesmo. Concluí que, com exceção de alguns plásticos ou latas de refrigerantes, não se notava qualquer diferença nos estilos de vida dos seus habitantes. Na dimensão dos sentimentos, claro que a perceção de cidadania era bem distinta. A Independência criara nova esperança.

A Guiné-Bissau era, naquele tempo, depois da saída do Exército Português, um verdadeiro País de sonho, quase um paraíso.

Ao longo dos anos fui fazendo missões por todos os Países. Com frequência deslocava-me ao Escritório de Bamako e à Sede de Brazzaville.

A partir de 1985 adquiri o estatuto de Representante da OMS. Passei, nesta qualidade, a ter algumas responsabilidades no que se refere a representação de natureza diplomática e, neste quadro a participar em cerimónias promovidas pelas diferentes embaixadas acreditadas em Bissau quer, ainda, pelo Protocolo de Estado. Já em 1990 fui convidado para acompanhar a visita oficial do Papa João Paulo II à Unidade de Lepra de Cumura. Com ele mantive uma interessante conversa sobre os doentes internados que ele acarinhava com ternura e sobre os problemas que o paludismo e o sarampo representavam em África. Quando regressei a Bissau descrevi detalhadamente os diálogos que mantive com João Paulo II (em língua francesa) e disse a minha Mulher que ele tinha uma "luz" especial, diferente do comum das pessoas. No desempenho das minhas funções de funcionário das Nações Unidas encontrei-me com muitas outras personalidades, mas nenhuma comparável em termos de emoção coletiva que suscitou, tanto mais que a população da Guiné-Bissau é maioritariamente muçulmana.

Entre 1990 e 1992 fui transferido para Harare. Ocupei-me da SIDA a nível da África Austral. As aldeias desapareciam do mapa varridas pela doença. Um insucesso para

todos, incluindo para os Estados Soberanos (sem meios para responder à epidemia. Também para a OMS, uma vez que faltavam meios de resposta para a pandemia.

FG com João Paulo II, Bissau, 1990

A meu pedido, voltei para a Carreira Médica em Portugal, uma vez que tinham terminado as licenças sem vencimento (2 anos seguidos e depois mais 10 considerados como licença de longa duração).

Beja

Em Beja desempenhei funções de delegado de saúde.

No plano da saúde pública lidei mais de perto com Graça Urze, Felicidade Ortega, Antónia Escoval, João Camacho, Mário Jorge Santos, Expedito Ribeiro, Joaquim Duarte e Mário Durval.

Dediquei-me especialmente à organização da Luta contra VIH/SIDA a nível distrital. Terá sido a marca mais saliente durantes este período. Com o apoio do Instituto da

Juventude lancei o Projeto "Gabardine" que visava fazer com que as jovens tivessem nas respetivas malas de mão ou nas mochilas preservativos masculinos para, em caso de necessidade, serem elas a entregarem aos próprios amigos. Neste processo destacou-se Célia Sabino, então estudante do Politécnico de Beja que concebeu um anúncio para as rádios locais com o cenário de uma estudante ao sair de casa pela manhã dizia à mãe que estava atrasada e que tinha que levar tudo porque regressaria tarde. A mãe, então, diz-lhe em sotaque do Baixo Alentejo: "Filha*, vê lá, não esqueças as camisinhas na tua mala* ". Um sucesso a nível local.

Com normalidade cumpri as funções em Beja. Assegurei as missões habituais e a coordenação com os delegados de saúde dos concelhos do distrito. Mantinha uma boa relação com o Delegado de Saúde da Região, Gomes Esteves, mas mais distante com os meus colegas que integravam o Conselho Diretivo da ARS em Évora.

De entre os médicos de família, os mais próximos eram Rui Lourenço, João Lemos, Caetano Gaspar, Conceição Margalha, Margarida Brito e Rui Sousa Santos. No Hospital, Isabel Reina, José Reina e Paulo Jácome.

Em Beja, encontrei espaço e tempo para fazer uma incursão na política a nível da Federação do PS. Cheguei a ser eleito por dois mandatos para a Comissão Nacional. No geral, a experiência não foi bem-sucedida. Percebi bem o famoso princípio defendido por Winston Churchill ao considerar que os adversários estavam no mesmo Partido e não nos outros!

O pior em termos pessoais foi ter confirmado o ambiente inexplicavelmente fechado a nível partidário e constatado que o líder não pode ser confrontado com outros camaradas capazes de o ofuscarem.

Considero urgente a introdução de novas regras capazes de abrirem o sistema político, designadamente com votações primárias vinculativas e candidaturas não partidárias.

Novo ciclo

Estava eu a refletir sobre estas questões quando, no princípio do novo Milénio, em 2000, recebo um telefonema do Diretor-geral, José Luís Castanheira, a convidar-me para ir trabalhar com ele em Lisboa.

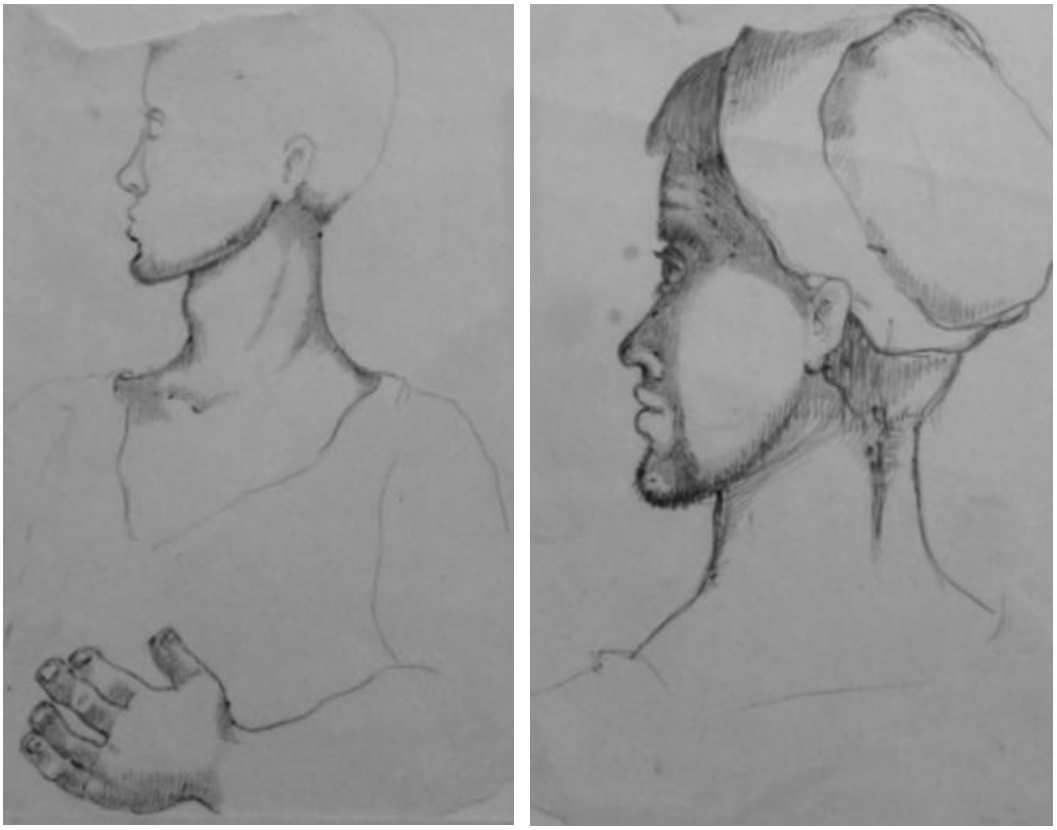
Ao aceitar, resolvi, com determinação, abandonar toda a minha atividade política de âmbito partidário, sobretudo. Assim aconteceu até hoje.

Mantive-me fora da vida dos partidos políticos durante todo o período na DGS até 2017, apesar do frequente convívio com alguns dos principais políticos de Portugal: Jorge Sampaio, Eduardo Ferro Rodrigues, Maria de Belém Roseira e António Almeida Santos.

Passei a estar regularmente com Almeida Santos a partir do fim de 2009. Ele tinha o hábito de juntar as filhas, o filho e netos, todos acompanhados pelas namoradas ou namorados para jantarem ao domingo. Nunca eram menos de 20 sentados em duas mesas na casa de Oeiras. Inúmeras vezes estivemos sós à conversa. Nas Amoreiras, em Monte Gordo ou em férias na casa de Lagoaça, lá estava eu em prolongadas e estimulantes conversas. O tema central estava, invariavelmente, relacionado com África, sobretudo com a descolonização, ou com a política nacional. Ouvi milhares de descrições sobre a vida política Portuguesa, sobre as suas relações com Mário Soares, com outros políticos de diferentes quadrantes, ou histórias passadas durante o Conselho de Ministros ou no Conselho de Estado. Nos Governos Provisórios, Álvaro Cunhal tinha lugar a seu lado. Por isso e, certamente, pela simpatia recíproca que os aproximava[27], trocavam mensagens escritas e desenhos.[28]

[27] António Almeida Santos e o Pai de Cunhal eram naturais de Seia.

[28] Muitos desses desenhos de Álvaro Cunhal, feitos em pleno Conselho de Ministros, estão nos arquivos pessoais de Almeida Santos que a Família detém. Alguns são aqui reproduzidos.



Desenhos de Álvaro Cunhal realizados durante Conselhos de Ministros e oferecidos no final do Conselho a António Almeida Santos (1974-1975)

António Almeida Santos tinha uma cultura muitíssimo vasta. Interpretava a República com pensamento próprio e muito bem organizado. Escrevia muito. Os seus escritórios e mesas de trabalho nas suas casas de Oeiras, ou em Lagoaça ou, ainda, na Vide (Seia), dispunham de muitos milhares de livros e publicações que refletiam os seus interesses principais. Lia e escrevia como poucos. Sublinhava as passagens que mais interesse despertava. Tal como Jaime Cortesão e António Sérgio marcaram a cultura política no Século XX, Almeida Santos fez, anos depois, percurso semelhante, quer antes quer a seguir à Viragem do Milénio. Porém, ao contrário deles, movimentava-se muito bem nas cúpulas do Poder. Fez parte de muitos governos e foi Presidente da Assembleia da República.

CAPÍTULO II

DIREÇÃO-GERAL DA SAÚDE

A Direção-Geral da Saúde

Logo depois da epidemia de peste bubónica que ocorreu no Porto, no verão de 1899, o ministro do Reino de Carlos de Bragança, criou, por Decreto de 4 de outubro, a Direção-Geral de Saúde e Assistência.

O primeiro Diretor-Geral foi João Ferraz de Macedo, até então Lente de Medicina em Lisboa. Seguiu-se Ricardo Jorge após a Proclamação da República.

A História da DGS é muito longa, desde 1899 e acolhe importante património, por vezes traduzido em documentos que preenchiam os velhos arquivos, outras vezes intangível.

Entre aqueles, encontrei discursos de Ricardo Jorge perdidos em velhas coletâneas, um deles era dirigido aos delegados de saúde que estavam reunidos logo depois do 5 de Outubro na presença do ministro António José de Almeida.[29] Chamou-me logo a atenção pela confiança que representava para o futuro da Saúde Pública em Portugal a seguir à viragem para República.

Lá estavam também os livros da epidemia de Gripe Pneumónica de 1918 com a tabela discriminada de 65 mil óbitos e os relatórios sobre a gripe "Asiática" de 1957.

Arnaldo Sampaio deixou tudo documentado em publicações que teve o cuidado de redigir, publicar e arquivar. Para além da gripe, dedicou-se, mais tarde, à instalação da rede de centros de saúde. Na sua época foi um trabalho verdadeiramente histórico que começou a liderar, mesmo antes de 1974, ainda no mandato de Baltazar Rebelo de Sousa como Ministro e de Francisco Gonçalves Ferreira como Secretário de Estado.

A DGS, sem influências, impermeável a pressões, era um exemplo. Por isso, compreende-se que eu tenha pensado duas vezes ao receber um convite que me foi endereçado pelo Diretor-Geral da Saúde, José Luís Castanheira, para trabalhar com ele na área da Saúde Ambiental durante o mandato de Manuela Arcanjo à frente do Ministério da Saúde.

Quando, no ano seguinte, António Correia de Campos a substituiu, já José Pereira Miguel desempenhava as funções de Diretor-Geral. Fui, então, nomeado subdiretor-geral por proposta de Pereira Miguel e com o acordo do meu amigo de há muitos anos António Correia de Campos.

José Pereira Miguel é uma figura muito interessante. Fez um notável percurso na Academia e, em especial, seguiu de perto os ensinamentos de Fernando Pádua. Muito culto, na DGS tinha o hábito de me pedir, antes dos despachos do dia, cinco minutos de filosofia e outros cinco de poesia. Dizia sempre a mesma expressão com subtil

[29] Também ele médico. Mais tarde viria a ser Presidente da República.

sentido de humor. Assim acontecia. Eu, na qualidade de subdiretor-geral, antes de iniciar as conversas oficiais, ouvia pensamentos ou excertos de filósofos que comentava e logo depois vinha o capítulo da poesia que era preenchido com questões mais emocionais e familiares.

Em 2005, quando José Pereira Miguel tomou posse como Alto Comissário (no quadro da institucionalização do Alto Comissariado) fui eu nomeado Diretor-Geral da Saúde. Considerei, na altura, uma promoção natural que não "atropelava" ninguém, visto que o cargo tinha ficado vago devido a promoção proposta a Pereira Miguel.

Trabalhei, deste modo, primeiro com Manuela Arcanjo e António Correia de Campos e depois com todos os ministros que se seguiram, nomeadamente Luís Filipe Pereira (nos governos de Durão Barroso e de Santana Lopes), de novo com António Correia de Campos, depois com Ana Jorge, Paulo Macedo, Fernando Leal da Costa e, por último, Adalberto Campos Fernandes no XXI Governo liderado por António Costa, desde novembro de 2015.

É sabido que cada ministro tem o seu estilo. Quando me perguntam qual deles, na minha opinião, foi o melhor não consigo responder. Costumo replicar que não tinha tido ainda oportunidade de preparar uma grelha de avaliação para ministros. O que, aliás, era e ainda é, pura verdade.

As funções que desempenhei foram sempre enquadradas por um estranho sentimento de elevada responsabilidade. Os meus antecessores tinham sido, em regra, figuras proeminentes da Medicina e como tal, geradores daquele sentimento. Teria que conseguir desempenhar o cargo com qualidade, pensava eu constantemente.

Depois da minha Tragédia Familiar de 21 de Março de 2006, procurei energia interior baseado nas recordações das manifestações frequentes de aplauso que Maria João demonstrava ter pelos meus trabalhos e nos frequentes empurrões que me dava com firmeza para eu ir em frente e mais para diante. Estas memórias foram decisivas para eu continuar. Poucos dias antes daquele dia, tinha recebido do Presidente Jorge Sampaio a Ordem do Infante Dom Henrique com o grau de Grande Oficial. Foi outro motivo de incentivo pessoal que também terá contribuído para prosseguir. Por outro lado, as palavras de apreço de colegas e amigos foram determinantes para reconstruir as forças necessárias. Não foi fácil. Não é e não será fácil, certamente.

No geral e em síntese, ao avaliar, isto é, ao olhar para trás, tenho a convicção de ter colocado sempre o interesse público à frente e que terei cumprido a minha missão com verticalidade. Procurei cultivar a máxima transparência. É claro que tudo o que se passou foi resultado de trabalho colegial, desenvolvido pela Equipa da DGS. Fui muito

apoiado pelas duas subdiretoras-gerais Graça Freitas e Catarina Sena[30], e pelos diretores de serviço, designadamente Alexandre Diniz, Paulo Nogueira, Andreia Silva (antes, Ana Leça) e Eva Falcão.

Graça Freitas & Catarina Sena

O apoio do grupo integrado pela Catarina Sena, Eva Falcão, Ana Pedroso e Manuela Saldanha[31] foi sempre decisivo para encontrar soluções em processos complexos como sucedeu com a transformação da Saúde 24 em Centro de Contacto.

Assessoras Manuela Saldanha, Eva Falcão, Ana Pedroso, com Catarina Sena

[30] Entre 2005 e 2011 José Robalo foi, igualmente, subdiretor-geral e por um curto período de tempo Paulo Ferrinho, igualmente. Antes de Catarina Sena, o dossier "Saúde 24" tinha sido trabalhado por Manuel Teixeira, seguido por Filomena Parra, que para tal tinham sido nomeados subdiretores-gerais.
[31] Mais tarde juntou-se a açoriana Carlota Vieira.

Também Isabel Fonseca, Isabel Matos, Gracinda Ferreira e Rodolfo Gigante estiveram constantemente disponíveis.

Rodolfo Gigante, motorista da DGS, com FG em Mérida (2007)

Desde há muito sou dos que pensam que o brilho dos outros também nos ilumina. Estou certo que assim aconteceu no meu caso ao longo destes 17 anos na Direção-Geral ou, no total, dos 44 anos de serviço público, nacional e internacional, que prestei.

Outra questão interessante é verificar a distribuição de quotas de género na DGS. O equilíbrio alcançado foi outra das minhas satisfações pessoais.

As dimensões abrangidas pelas áreas da DGS são múltiplas. São diversas frentes de trabalho assentes em 4 pilares fundamentais: Qualidade; Análise Estatística; Prevenção e Relações Internacionais.

FG na DGS durante a epidemia de Vila Franca de Xira, 2014

Em articulação direta com o Director-Geral ou subdiretoras-gerais, funcionam a "Saúde 24" (com Catarina Sena, Sérgio Gomes e Ana Pedroso à frente) e o Centro de Emergências em Saúde Pública (sob a chefia de Cristina Abreu), além dos programas prioritários, nomeadamente:

VIH, SIDA e Hepatites Virais (António Diniz, depois Kamal Mansinho e, mais tarde Isabel Aldir);

Tuberculose (Raquel Duarte);

Alimentação Saudável (João Breda e depois Pedro Graça);

Promoção da Atividade Física (Pedro Teixeira);

Doenças oncológicas (Nuno Miranda);

Doenças cérebro-cardiovasculares (Rui Cruz Ferreira);

Doenças Respiratórias Crónicas (Cristina Bárbara);

Diabetes (primeiro, José Manuel Boavida e depois Cristina Valadas);

Resistência aos antimicrobianos (José Artur Paiva e a seguir Paulo André Fernandes);

Tabagismo (Emília Nunes);

Saúde Mental (Álvaro Carvalho);

Plano Nacional de Saúde (Rui Portugal).

A Qualidade em Saúde tem constituído uma atenção redobrada. A conceção e emissão de normas de orientação clínica, em conjunto com a Ordem dos Médicos, têm ganho a atenção de muitos médicos portugueses. Trata-se de uma dinâmica que adquiriu pujança imparável em todas as dimensões da Qualidade na Saúde. Não é demais enfatizar a transparência que percorre todo o processo de produção de normas. A declaração de interesses, feita no início da intervenção de peritos especialistas nas diversas áreas, bem como a independência na adoção e definição das melhores práticas, assim o atesta. Não se trata de burocracia, nem de atos meramente administrativos. Trata-se sim de reconhecer que o cidadão tem o direito a cuidados de saúde que a *legis artis* classifique como boa prática. Alexandre Diniz, apesar da exiguidade de meios, conseguiu mobilizar consultores e, em conjunto com representantes da Ordem dos Médicos, editou *guidelines* modelares.

O Centro de Emergências em Saúde Pública tem sido desenvolvido por Cristina Abreu com o apoio de Isabel Marinho Falcão, Paula Vasconcelos e Ana Firme, além de João Maldonado Correia e Diana Fernandes. Hoje, o Centro é muito procurado como campo de estágio de internos e alunos, incluindo pelo ECDC.

A "Saúde 24", da célebre linha 808 24 24 24, a cargo de Catarina Sena e Sérgio Gomes tem índices de satisfação dos utilizadores muito elevados. Foi uma iniciativa PPP bem gerida a nível da DGS. Em Julho de 2017 foi transferida para a SPMS.

Também a prevenção da exposição a radiações arrancou mais recentemente com Pedro Rosário.

Durante os 17 anos vividos na DGS verificaram-se episódios, lutas e crises. Realço que, em regra, ao longo dos anos, as intervenções da DGS foram aceites pela comunidade médica, mas, também, pela sociedade em geral.

O trabalho de Diretor-geral é simultaneamente complexo e estimulante. Mas, perceber que a ação tem por objetivo principal melhorar a saúde de toda a população é muito compensador.

A aliança com a Imprensa é decisiva. Como há o interesse recíproco em informar os cidadãos, não é difícil estabelecer laços de cooperação com jornalistas dos diversos órgãos. Os problemas de saúde pública não se resolvem sem informação e sem participação. É verdade que as epidemias não se combatem em regime de

underground (às escuras). Não se escondem. Têm que ser comunicadas de forma muito rápida e consistente. Este é o princípio orientador.

A emergência da SIDA, em 1980, tinha feito repensar a intervenção em Saúde Pública. Ficou demonstrada a possibilidade de acontecerem fenómenos graves, inesperados, com expressão epidémica ou pandémica que constituem ameaças pela magnitude e intensidade que podem apresentar. Sublinho inesperadamente. Nenhuma Escola de Saúde Pública tinha antecipado a probabilidade de ocorrer um fenómeno novo como a natureza e magnitude da SIDA.

Depois da identificação do VIH tudo foi diferente. As escolas médicas passaram, só depois, a ensinar a possibilidade de novos problemas emergirem e de velhos, julgados já resolvidos, voltarem a representar ameaças graves (por isso, designados como problemas reemergentes).

Passou-se a admitir, então, que o vírus da gripe poderia ter um *shift* no sentido de provocar nova pandemia. No Século XX tinham surgido em 1918 (Pneumónica), 1957 (Asiática) e em 1968 (Hong Kong). Ora, à luz da teoria cíclica das pandemias de gripe, admitiu-se que uma nova pandemia poderia emergir. A OMS deu indicações aos Estados Membros para se preparem.

Em Portugal, a DGS liderou o processo de formulação de um plano de contingência que viria a ser implementado em 2009 no seguimento da declaração da então Diretora-geral, Margaret Chan. Acontece, porém, que o "furacão" foi perdendo intensidade, facto que gerou justificadas dúvidas sobre a precisão dos alertas emitidos a nível internacional.

Antes disso, em 2003, tinha surgido, também, inesperadamente, a epidemia de SARS devida a um corona vírus na Ásia que provou uma situação grave, altamente disruptiva em Toronto.

Mais tarde, uma outra estirpe de corona vírus, associada, em termos de reservatório, a camelos, constituiu um problema de infeção respiratória grave, aliás ainda por resolver.

A DGS acompanha, no plano científico e técnico, o desenvolvimento de políticas e metodologias que visam resolver questões.

Marinho Falcão, João Lavinha, Laura Brum, Lurdes Monteiro, Maria João Simões e Helena Rebelo de Andrade e, depois, Fernando Almeida, Carlos Dias, Baltazar Nunes, Rita Sousa, Isabel Carvalho, Jorge Machado, Maria João Alves e Sofia Núncio e outros especialistas do Instituto Ricardo Jorge trabalharam sempre de muito perto com as diversas unidades da DGS.

A vasta produção, conjunta, entre a DGS e o Instituto Ricardo Jorge, sobretudo sobre planos de contingência para desafios que foram sucessivamente identificados, foi indispensável: surto de Encefalite pelo Vírus do Nilo Ocidental, Leptospirose, Variante da Doença de Creutzfeldt Jacob, SARS, Corona Vírus do Médio Oriente, doenças de transmissão por vetores, nomeadamente dengue, Zika e febre amarela.

Saliento que a cooperação próxima entre os diferentes organismos centrais do Ministério da Saúde é absolutamente essencial, visto que os trabalhos de uns são apenas exequíveis se todos os outros contribuírem para o mesmo fim.

Em relação à gripe confirmou-se que, em geral, os cidadãos tinham pouca informação sobre os riscos que as constantes alterações dos vírus representam. Poucos sabiam que o reservatório do vírus é constituído por aves e que, no fundo, todas as gripes, incluindo a sazonal, estão associadas a aves e a animais hospedeiros como os porcos. A gripe é a mais frequente das zoonoses, isto é, das doenças comuns a animais e seres humanos. Aliás, a grande Pandemia de 1918 tem sido pouco estudada no nosso País.

A preparação para o Ébola, em 2014, foi motivo de intenso trabalho. O Plano de Portugal foi avaliado, com êxito, por um grupo de especialistas internacionais.

Em outubro de 2014, a epidemia de doença dos legionários em Vila Franca de Xira foi difícil de gerir, atendendo ao elevado número de casos que ocorreram (400 casos), bem como à exigência em tratar muitos doentes em unidades de cuidados intensivos. Os laboratórios do Instituto Ricardo Jorge demonstraram, com assinalável rapidez, a relação causa efeito entre aerossóis de uma torre de arrefecimento fabril e os casos clínicos. A resposta dos hospitais foi imediata, sobretudo na ARSLVT. A participação e liderança do ministro Paulo Macedo foi decisiva na resolução do surto.

Durante o primeiro semestre de 2017 surgiram duas situações exigentes em termos de Saúde Pública que impunham respostas rápidas para proteção da população: hepatite A logo no início do ano e, depois, sarampo na Primavera que foi inteiramente controlado na primeira semana julho do mesmo ano. O vírus da hepatite A, à hora de escrever este texto, ainda mantinha atividade.

As emergências não se limitam a problemas originados por agentes vivos patogénicos. Também os fenómenos climáticos extremos representam riscos que modificam o perfil de morbilidade e consequente aumento da mortalidade. A este propósito sublinho que foi particularmente grave a onda de calor de 2003.

Oportuna foi, em 2016, a inauguração pelo ministro Adalberto Campos Fernandes das novas instalações do Centro de Emergência em Saúde Pública (CESP) na DGS. Já antes, durante o mandato de José Pereira Miguel, tinha sido criada uma unidade de emergência em Saúde Pública.

Recentemente, a Organização Mundial da Saúde tem chamado a atenção para três desafios que representam os principais problemas por controlar nos próximos anos, designadamente 1) a expressão pandémica das doenças crónicas não transmissíveis (em Portugal, a curva epidémica da diabetes é bem reveladora de preocupação); 2) as doenças transmitidas por vetores e 3) a resistência crescente dos agentes microbianos patogénicos aos antimicrobianos. Três preocupações maiores para todos (claro que para Portugal também).

É, pois, absolutamente necessário investir mais nestas áreas. Essencial, a todos os níveis. Os Planos Locais que se desenvolvem no quadro do Plano Nacional de Saúde ocupam-se destas iniciativas. Rui Portugal tem dedicado especial atenção a esta frente. Teremos possibilidade de alcançar mais ganhos, estamos certos.

A Rede de Delegados de Saúde

Desde há muitos anos (Reforma de Passos Manuel) que os cidadãos, sobretudo residentes no Interior, reconhecem no Delegado de Saúde a entidade que assegura a prevenção das doenças, bem como a promoção e proteção da saúde a nível das comunidades que integram.

Foi nessa qualidade que no Outono de 1976 comecei a exercer funções de Delegado de Saúde no pequeno concelho de Cuba do Alentejo. Depois da designação provisória, fui nomeado para o quadro do Pessoal Dirigente dos Serviços Locais da DGS. Foi uma opção que fiz com apoio da minha Mulher e que exigiu a nossa deslocação para lá.

Tinha iniciado a especialidade de Medicina Interna no Hospital de Santa Marta. Porém, pouco tempo depois deixei Lisboa para trás com os seus grandes Hospitais. A escolha pela Saúde Pública foi devidamente ponderada. Provavelmente teve por base os dois sentimentos seguintes: a boa experiência do Serviço Médico à Periferia, em Odemira, no ano anterior e, também, o facto de eu não gostar de ser o “filho do diretor” do Hospital de Santa Marta.

Foi boa a decisão. Nunca me arrependi. Ter sido Delegado de Saúde representou um entusiasmo traduzido pela sensação de utilidade do serviço público.

Cedo entendi que sentir o pulso do doente para perceber o ritmo cardíaco, era bem distinto de sentir o pulso à comunidade, a fim de permitir identificar os seus problemas e as suas necessidades.

A especificidade da rede de delegados de saúde em Portugal tem sido mantida e recentemente desenvolvida no quadro da Comissão da Reforma da Saúde Pública.

Para além dos delegados de saúde de nível regional (um por cada região do Continente), há delegados de saúde nos Agrupamento de Centros de Saúde e,

igualmente, nas regiões autónomas. A rede tem sido afinada, mas continua a necessitar de mais impulsos.

Nos termos da Lei, o Diretor-geral da Saúde é, simultaneamente, a Autoridade de Saúde Nacional que tem como missão coordenar a rede de delegados de saúde em todo o País. Tal só tem sido possível devido ao trabalho colegial modelar conduzido a todos os níveis.

Sobre o conceito de Saúde Pública

A Saúde Pública visa prolongar a vida dos cidadãos. Em especial, está focada na redução da mortalidade prematura antes dos 70 anos de idade, através da implementação de medidas de prevenção da doença e de promoção da saúde. Cabe ao Estado e à Sociedade garantirem o acesso, igualdade e equidade.

A redução de desigualdades e iniquidades representam objetivos principais.

Tal como muitos autores assinalam, quando as desigualdades assumem grande expressão podem conduzir ao desaparecimento da ideia de comunidade[32]. Isto é, a noção do conceito de comunidade por membros aí inseridos pode não ser percebida como tal (os cidadãos aí residentes não se sentem como parte integrante dessa comunidade).

Já a noção de iniquidade traduz a existência no seio da comunidade de diferenças injustas e moralmente inaceitáveis.

Nestes termos, compreende-se que a Saúde Pública tenha como *targets* a eliminação das desigualdades evitáveis e, sobretudo, das iniquidades.

Análises sociológicas em Saúde Pública, remontam a 1848 quando Rudolf Virchow publicou o relatório sobre a epidemia de tifo na Alta Silésia (Polónia) ao demonstrar a importância da estrutura social associada à incidência da doença.

No Século XX, o antigo Diretor-Geral da OMS, Halfdan Mahler (1923-2016) distinguiu-se ao ter incorporado no discurso de Saúde Pública as questões da Economia, do Trabalho, da Segurança Social e da Agricultura. Para Mahler a Saúde e a Prosperidade estavam inevitavelmente interligadas.

Também, Arnaldo Sampaio, durante a Pandemia Asiática, demonstra, igualmente, que a taxa de ataque da gripe era mais elevada nas famílias de baixos rendimentos (1958) nos trabalhos que publicou no ano a seguir à epidemia.

[32] Ronald Labonté, John Frank e Erica Di Ruggiero, citando Raymond Aron, em particular.

Recentemente, estudos de Michael Marmot comprovam que a existência de um gradiente social que constitui uma determinante para a saúde e que, por isso, impõe sempre análise atenta nas investigações em Saúde Pública.

As grandes mudanças durante o mandato 2005-2017

A progressiva limitação de recursos e as sucessivas reorganizações da Administração Pública condicionaram a produção da DGS.

Costumo citar que quando iniciei funções na DGS o número de funcionários era superior 320 e o Diretor-geral contava como apoio de 4 subdiretores-gerais, 7 diretores de serviços e 21 chefes de divisão, enquanto que hoje os funcionários são 140, os subdiretores-gerais são 2, os diretores de serviços 4 e os chefes de divisão apenas 9.

Estes dados são claros. Em relação ao ambiente orçamental do País e aos recursos disponíveis teria sido impossível fazer melhor e produzir mais.

Não obstante, conseguiram-se impor mudanças estruturais que marcam, de certa forma, os últimos mandatos desde 2005. As grandes mudanças são as seguintes:

- A DGS passou a interessar a todo o Sistema e a todos os níveis do Serviço Nacional de Saúde: agrupamentos de centros de saúde, hospitais e unidades de cuidados continuados integrados. Passou a definir, no plano normativo, boas práticas para médicos hospitalares, de Medicina Familiar e de Saúde Pública.
- A Qualidade foi desenvolvida com novo ímpeto (trabalho conduzido por Alexandre Diniz) como um dos pilares fundamentais, nomeadamente através da formulação e coordenação de medidas referentes a segurança do doente (controlo de infeções, segurança cirúrgica, identificação de doentes, prevenção de quedas e de úlceras, bem como a própria cultura de segurança). Também, no âmbito da Qualidade estão as células, tecidos e órgãos para transplante e, ainda, a certificação e acreditação de unidades prestadoras (incluindo nas regiões autónomas), a definição dos centros de referência e as normas de orientação clínica (NOCs) e respetivas auditorias (em conjunto com a Ordem dos Médicos).
- Regulamentação, implementação, acompanhamento e monitorização da IVG (a cargo de Lisa Ferreira Vivente).
- Regulamentação da Lei do Tabaco (orientada por Emília Nunes e Ana Pedroso).
- Novo Programa Nacional de Vacinação (dirigido por Graça Freitas).
- Gestão, por parte do Estado, da “Linha Saúde 24”, entre 2007 e 2017, incluindo o desenho de novos algoritmos (gerido por Catarina Sena, Sérgio Gomes, Ana Pedroso e Estevão Soares dos Santos).

- Reforço das Respostas a Emergências de Saúde Pública (Cristina Abreu).
- Avanços na DGS DIGITAL: foram concebidos, implementados e desenvolvidos importantes sistemas *paper free,* nomeadamente SICO[33], SINAVE[34], Doenças Raras, Acreditação, Cheques Dentista, etc.
- Preparação de nova Lei da Saúde Pública que consolida legislação dispersa.
- Publicação regular da "Saúde dos Portugueses", bem como dos resultados de produção dos programas prioritários (liderado por Paulo Nogueira).
- *Dashboard* da mortalidade diária (Paulo Nogueira).
- Participação de Portugal a nível europeu e internacional, incluindo os acordos bilaterais com Espanha (coordenada por Eva Falcão).
- Literacia (com liderança de Andreia Silva e Miguel Arriaga).
- Proteção da exposição a radiações (Pedro Rosário).
- Institucionalização de trabalhos conjuntos regulares com Espanha, atendendo a que os dois países estão na mesma região epidemiológica.
- Publicação dos trabalhos produzidos pela Comissão da Reforma da Saúde Pública (coordenação de Ana Veiga).

O final da carreira como DG

A Lei Portuguesa impõe a aposentação obrigatória aos 70 anos de idade. Entrei há 44 anos com esta regra pré-estabelecida desde o tempo de Oliveira Salazar. Concordo inteiramente com este regime legal. Considero que é preciso dar lugar a outros e que a Administração Pública não pode ser equiparada ao Sector Privado. Por isso, nada mais natural para mim.

Sem querer fazer um balanço, até porque seria mascarado pelo meu julgamento eminentemente subjetivo, reconheço que foram anos de satisfação pela missão cumprida.

Multiplicaram-se contactos com governantes, dirigentes da Administração Pública, mas também, naturalmente, com médicos, enfermeiros, psicólogos, técnicos de saúde ambiental, além de outros representantes da sociedade civil e cidadãos, quer durante congressos, reuniões ou conferências, quer de forma informal durante encontros (procurei dar continuidade a estas ligações no sentido de perceber a existência de eventuais problemas e necessidades). Curiosamente, numa destas reuniões, em Amares, no primeiro semestre de 2017, quer o Presidente da Câmara quer o Diretor do Agrupamento declararam em público que a situação de saúde era boa e que estavam todos muito satisfeitos e logo acrescentaram que de nada necessitavam.

[33] Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO) implementado e desenvolvido por Cátia Sousa Pinto.
[34] Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica (SINAVE) desenvolvido por Cátia Sousa Pinto.

Algumas vezes o trabalho da DGS e dos seus dirigentes foi reconhecido e aplaudido. Outras, foi criticado. É natural que assim suceda.

De entre todas as distinções que recebi, destaco, pela surpresa e significado que teve para mim, a atitude ímpar assumida por Paulo Macedo (Ministro entre 2011-2015). Foi dele, aliás, que recebi a Medalha de Ouro dos Serviços Distintos do Ministério da Saúde em 2014, mas não é por isso que agora o cito. Um dia, provavelmente também em 2014, recebi uma chamada telefónica do Chefe do Gabinete, Luís Vitório, para solicitar a minha presença no Ministério da Saúde acompanhado pelas subdiretoras-gerais e diretores de serviço pelas 18H30. À chegada, fomos confrontados com um ambiente festivo, inesperado, mas com um "toque" de formalidade. Em redor da mesa estavam os dois secretários de Estado, os chefes dos gabinetes e a Secretária-Geral do Ministério, Sandra Cavaca. Em cima da mesa estavam garrafas de champanhe e taças. Logo no início, Paulo Macedo fez uma alocução a salientar a qualidade dos trabalhos da DGS e dos seus dirigentes. Foi muitíssimo amável. Desenvolveu, inclusivamente, a teoria de gestão fundamentada na qualidade da liderança para explicar resultados de produção. Acentuou, também, que os dirigentes não eram todos iguais. Uma surpresa para todos nós, uma vez que a iniciativa tinha sido única e apenas destinada a distinguir a DGS. Naturalmente, percebi o alcance das palavras que gostámos de ouvir. Tínhamos a certeza da genuinidade daquela manifestação. Inesquecível.

Foi, igualmente, com agrado que, em 2016, recebi a distinção da nomeação de Professor Associado Convidado da Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa. Antes, participava no ensino da Introdução à Saúde Pública na qualidade de professor auxiliar convidado. Considerava muito útil articular a minha experiência vivida na DGS e, de seguida, coloca-la à discussão com estudantes de pós-graduação, mestrados e de doutoramento.

Por outro lado, alguns colegas meus manifestaram publicamente discordâncias em relação a iniciativas desenvolvidas pela DGS e, portanto, da minha inteira responsabilidade. Em regra, respeitei essas críticas com naturalidade. Reconheço que todos têm o direito a expressarem opiniões. Foi o que aconteceu, em janeiro de 2014, com um grupo de médicos[35] que protestou junto da Procuradoria-Geral da República pelas mortes ocorridas depois de uma onda de calor (processo arquivado, depois). Igualmente com a da FNAM, em 2016 e 2017, no seguimento da preparação da nova Lei da Saúde Pública. Ou, ainda, com o Presidente da Seção Regional do Sul da Ordem dos Médicos, Jaime Mendes, que estava contra uma proposta da DGS sobre a Medicina do Trabalho. Também, o Bastonário da Ordem dos Médicos, José Manuel Silva, num tom muito próprio, manteve comigo, pontualmente, relações conflituosas,

[35] Nomeadamente Cipriano Justo, Aguinaldo Cabral, Alice Silveira Castro, António Rodrigues, Artur Ramon de la Féria, Eduardo Pereira Marques, Fernando Gomes, Filipe Rosas, Ivone Barracha, Jorge Espírito Santo, Manuela Silva, Mariana Neto, Mário Jorge Neves Nídia Zózimo e Paulo Fidalgo

em particular no seguimento do surto de doença dos legionários em Vila Franca de Xira e, ainda, sobre a Linha Saúde 24. As iniciativas de regulamentação da Lei sobre as terapêuticas "alternativas" não foram apoiadas pela Ordem dos Médicos. Em certas ocasiões Miguel Guimarães foi excessivo ao utilizar argumentos falsos. Registei estas divergências, mas convencido que a razão esteve do lado da DGS.

Ao longo de 44 anos de vida pública, participei em reuniões de trabalho e conferências no estrangeiro quer no âmbito da OMS quer como delegado de Portugal no quadro da União Europeia ou de organizações internacionais. Percorri muitas cidades em todos os continentes. Entre todas as viagens e intervenções a mais significativa para mim foi o discurso que proferi, em 2016, perante a Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, em nome de Portugal (provavelmente por ter associado o meu tempo na OMS à carreira nacional que fiz desde 1973).

Na dimensão das emoções, a minha participação na Cimeira da CPLP em Timor Leste, em 2015[36], também foi inesquecível.

Em julho de 2017 concretizou-se um desejo antigo. Refiro-me ao acordo com Espanha no sentido de estreitar as relações bilaterais no domínio da Saúde Pública. Todos percebem que a Península é a mesma região no plano epidemiológico e que, por isso, as fronteiras não fazem sentido.

Em agosto de 2017, a minha Colega Raquel Duarte disse-me que aceitaria o desafio de se candidatar para me suceder. A confirmar-se, será bom para todos, estou certo.

[36] Integrei a Delegação por parte do Governo de Portugal ao lado de Paulo Macedo.

FG na OMS, Genebra, Palais des Nations (2016)